

BAILA VINI JR.!

**A LUTA ANTIRRACISTA
DENTRO E FORA DE CAMPO**

**UMA ANÁLISE DAS
NARRATIVAS DA
IMPRENSA
ESPAÑHOLA E
BRASILEIRA SOBRE
OS ATAQUES
RACISTAS SOFRIDOS
POR VINÍCIUS
JÚNIOR NA
TEMPORADA
2022-2023 DA LA
LIGA**

**GABRIEL GUSMÃO SANTOS
2023**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CRP – Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo

GABRIEL GUSMÃO SANTOS

**BAILA, VINI JR.! A LUTA ANTIRRACISTA DENTRO E FORA DE
CAMPO:**

Uma análise das narrativas da imprensa espanhola e brasileira sobre os ataques racistas
sofridos por Vinicius Júnior na temporada 2022-2023 da La Liga

SÃO PAULO

2023

GABRIEL GUSMÃO SANTOS – 11836584

**BAILA, VINI JR.! A LUTA ANTIRRACISTA DENTRO E FORA DE
CAMPO:**

Uma análise das narrativas da imprensa espanhola e brasileira sobre os ataques racistas
sofridos por Vinicius Júnior na temporada 2022-2023 da La Liga

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo
da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São
Paulo para obtenção do título de bacharel em Relações
Públicas.

Orientador: Professor Dr. Paulo Roberto Nassar de Oliveira.

SÃO PAULO

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Santos, Gabriel Gusmão

BAILA, VINI JR.! A LUTA ANTIRRACISTA DENTRO E FORA DE CAMPO: Uma análise das narrativas da imprensa espanhola e brasileira sobre os ataques racistas sofridos por Vinicius Júnior na temporada 2022-2023 da La Liga / Gabriel Gusmão Santos; orientador, Paulo Roberto Nassar de Oliveira. - São Paulo, 2023. 90 p.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo /
Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia 1. Narrativas. 2. Racismo. 3. Futebol. 4. Spin-doctor.
I. Nassar de Oliveira, Paulo Roberto. II. Título.
CDD 21.ed. -

659.2

SANTOS, Gabriel Gusmão. **BAILA, VINI JR.! A LUTA ANTIRRACISTA DENTRO E FORA DE CAMPO:** Uma análise das narrativas da imprensa espanhola e brasileira sobre os ataques racistas sofridos por Vinicius Júnior na temporada 2022-23 da La Liga. 2023, 85 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Públicas) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Monografia apresentada à Escola de Comunicações e Artes para obtenção do título de bacharel em Relações Públicas.

Aprovado em: 06/12/2023

Banca Examinadora:

Orientador: Paulo Roberto Nassar de Oliveira

Instituição: Escola de Comunicações e Artes (USP)

Julgamento: _____

Membro da banca: Laila Maria Nery Farias

Instituição: Escola de Comunicações e Artes (USP)

Julgamento: _____

Membro da banca: Lucas Nibbering Alves da Silva

Instituição: Escola de Comunicações e Artes (USP)

Julgamento: _____

DEDICATÓRIA

À professora Elisangela Frascoli, que me fez amar as boas histórias. À professora Liliane Leite, que me ensinou a contá-las. E à professora Silvana Kanai, que me ensinou a reconhecer o valor das histórias de cada um e, em especial, a minha própria.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela minha vida, fé e possibilidade de chegar até aqui. Sem Ele nada seria possível.

Aos meus pais, Antonio Santos Filho e Claudete Gusmão Alves Santos, minha base, que nunca mediram esforços para superar as adversidades e cuidar de mim e meus irmãos, e por permitirem, com muito zelo, que eu pudesse trilhar minha trajetória acadêmica. Posso dizer que todo o esforço valeu a pena.

A minha irmã Caroline Gusmão, prima Cintia Alves, e tia Teresa Malheiro, por sempre cuidarem e me apoiarem em todos os momentos. Nunca me senti só enquanto vocês estão comigo.

Ao meu irmão, Matheus Gusmão, por toda a amizade e confidencialidade de sempre. Foi ele que me apresentou o futebol por outros olhos, que me ensinou a admirar o esporte e torcer para o meu time de coração. Obrigado por isso também.

À Julia de Lima, Gabrielle Cavalcante, Guilherme Cruz, Murilo Garcia, Murilo Yamassita, Luiza Migliolo e Thais Bento. Com vocês, a graduação foi uma etapa muito mais leve do que parecia ser. Obrigado pelas memórias que construímos juntos.

À Alex Medeiros, Beatriz Santana, Guilherme ‘Data’ Rodrigues, Henrique Araújo, Jady Fernandes e Krisley Shelly, amigos especiais, de outros tempos, que nunca deixaram de acreditar em mim. A confiança, admiração e carinho são totalmente mútuos.

À Fabiana Delgado e Leonardo Matsuda, grandes amigos que as Relações Públicas – e a vida – me deram. Nossa convivência e a partilha de experiências me fazem, cada vez mais, ter certeza de que escolhi a profissão correta para esse momento da minha vida.

Ao meu mentor, o professor Paulo Nassar, pelo incentivo, apoio e orientação, não somente durante a produção deste trabalho, mas todos esses anos de graduação. Sua parceria e acolhimento foram fundamentais durante todo esse processo.

*Enquanto a cor da pele for mais importante que o
brilho dos olhos, haverá guerra.*

(Haile Selassie)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Torcedora do Flamengo e Vini Jr. são alvos de comentários racistas na internet ...	42
Figura 2 – Torcedora do Botafogo faz gesto obsceno e xinga Vinicius Júnior.	42
Figura 3 – Vini Jr. em Flamengo x Paraná (Campeonato Brasileiro de 2018)	43
Figura 4 – Pelé manifesta apoio a Vini Jr.	46
Figura 5 – Capa: El País (Espanha), 18/09/2022	47
Figura 6 – Rodrygo e Vinicius dançam no Estádio Metropolitano (19/08/2022)	48
Figura 7 – Torcedores do Atlético de Madrid amarram boneco com camisa de Vini Jr. pelo pescoço	50
Figura 8 – Jornal Marca, da Espanha, não menciona racismo na Copa del Rey (27/01/2023)	51
Figura 9 – Capa – El País (27/01/2023)	51
Figura 10 – Capa – O Globo (27/01/2023)	52
Figura 11 – Capa – Correio Braziliense (27/01/2023)	53
Figura 12 – Vinicius Júnior aponta torcedor racista durante jogo contra o Valencia	54
Figura 13 – Vinicius Júnior é agredido dentro de campo	54
Figura 14 – Vini Jr. é escoltado para fora do campo em partida contra Valencia	55
Figura 15 – Basquete ganha destaque em jornal Marca, da Espanha	58
Figura 16 – AS, da Catalunha, afirma que Vini Jr. exigiu a expulsão de torcedor por gesto racista	58
Figura 17 – Capa do Super Deporte coloca Vini Jr. como culpado de racismo	59
Figura 18 – O Estado de São Paulo repercute episódio de racismo de Vinicius Jr. em jogo contra o Valencia	59
Figura 19 – O Globo dá destaque ao caso de racismo sofrido por Vini Jr. contra o Valencia	60

Figura 20 – Vini Jr. cogita possibilidade de sair da Espanha	60
Figura 21 – Vinicius Júnior responde Presidente de La Liga	61
Figura 22 – Presidente de La Liga afirma que racismo contra Vinícius Júnior é caso isolado	62
Figura 23 – Jornal Marca muda discurso sobre ataques racistas sofridos por Vinicius Júnior.	63
Figura 24 – El País se posiciona contra o racismo sofrido por Vinicius Júnior.	64
Figura 25 – Mundo Deportivo se posiciona contra o racismo sofrido por Vinicius Júnior.	64
Figura 26 – Vinicius Júnior é eleito melhor jogador do Mundial de Clubes da FIFA em 2022.	66
Figura 27 – Vini Jr. é homenageado durante sanção de Lei com o seu nome	68
Figura 28 – Oitava rodada do Brasileirão recebe campanha #COMRACISMONÃOTEMJOGO.	69
Figura 29 – Vinicius Júnior recebe a camisa 7 do Real Madrid.	70
Figura 30 – Vini Jr. veste camisa 10 da seleção brasileira em amistoso.	71
Figura 31 – Vinicius Júnior recebe o Prêmio Sócrates 2023.	72

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

A.A.P.P – Associação Atlética da Ponte Preta.

AAB – Assessoria Administrativa do Brasil.

ABERJE – Associação Brasileira de Comunicação Empresarial.

ABRAPCORP – Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas.

ABRP – Associação Brasileira de Relações Públicas.

AMEA – Associação Metropolitana de Esportes Athléticos.

C.R.V.G – Clube de Regatas Vasco da Gama.

CBD – Confederação Brasileira de Desportos.

CBF – Confederação Brasileira de Futebol.

Conferp – Conselho Federal de Profissionais de Relações Públicas.

Conrerp – Conselho Regional de Profissionais de Relações Públicas.

CT – Centro de Treinamento.

ECA/ ECA-USP – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

ECC-USP – Escola de Comunicações Culturais.

EUA – Estados Unidos da América.

FA – Football Association (Associação Inglesa de Futebol).

FFLCH / FFLCH-USP – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

FGV – Fundação Getúlio Vargas.

FIFA – Fédération Internationale de Football (Federação Internacional de Futebol).

FURD – Football Unites, Racism Divides (Futebol Une, Racismo Divide).

GM – General Motors.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IHGB – Instituto Histórico Geográfico Brasileiro.

IVJr – Instituto Vini Jr.

LNFP – Liga Nacional de Futebol Porto-alegrense.

MP – Ministério Público.

PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PSG – Paris Saint-Germain

R.M.C.F – Real Madrid Club de Fútbol (Clube de Futebol Real Madrid).

RP – Relações Públicas.

RN – Realidade Narrativa.

S.F.C – Santos Futebol Clube.

S.P.F.C – São Paulo Futebol Clube.

UEFA – União das Federações Europeias de Futebol.

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

USP – Universidade de São Paulo.

Vini Jr. – Vinícius Júnior.

RESUMO

SANTOS, Gabriel Gusmão. **BAILA, VINI JR.! A LUTA ANTIRRACISTA DENTRO E FORA DE CAMPO:** Uma análise das narrativas da imprensa espanhola e brasileira sobre os ataques racistas sofridos por Vinicius Júnior na temporada 2022-23 da La Liga. 2023, 85 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Públicas) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

A temporada 2022-2023 do principal campeonato do futebol espanhol foi marcada por inúmeras ocorrências de racismo contra Vinicius Júnior, brasileiro e, atualmente, jogador do Real Madrid. Além da violência sofrida pelo atleta, as divergências na repercussão dos fatos noticiados pela imprensa local, em comparação a outros países, também chamam a atenção: enquanto na Espanha práticas de manipulação dos fatos, chamados de *spin-doctors*, são utilizadas para desqualificar o esportista, no Brasil, país de origem do jogador, as mesmas notícias são veiculadas a fim de denunciar o preconceito racial. Considerando essas divergências, o presente trabalho busca compreender, sob a óptica das Relações Públicas, em que circunstâncias essas narrativas surgem, suas motivações e possíveis impactos para a construção imagética do atleta.

Palavras-chave: Racismo, Narrativas, *Spin doctor*, Futebol, Imagem.

ABSTRACT

The 2022-2023 season of the main Spanish soccer/football championship was marked by numerous incidents of racism against Vinicius Júnior, a Brazilian player of Real Madrid. Beyond the violence suffered by the athlete, the differences in the repercussions of the facts reported by the local press, in comparison to other countries, also attract attention: while in Spain practices of manipulating facts, called *spin doctors*, are used to disqualify the sportsman, in Brazil, the player's country of origin, the same news is disseminated to denounce racial prejudice. Considering these divergences, the present project seeks to understand, from the perspective of Public Relations, under what circumstances these narratives arise, their motivations, and possible impacts on the athlete's image construction.

Keywords: Racism, Narratives, *Spin doctor*, Football, Image.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. SOBRE AS RELAÇÕES PÚBLICAS E NARRATIVAS.....	15
2.1 Origem das Relações Públicas	15
2.1.1 As Relações Públicas no Brasil	17
2.2 Narrativas, <i>spin doctor</i> e a manipulação dos fatos	20
3. FUTEBOL, O BRASILEIRO E O RACISMO.....	23
3.1 Futebol, um esporte da e para a elite.....	23
3.2 A luta contra o racismo entra em campo	27
3.2.1 O pontapé inicial dos jogadores negros no futebol brasileiro	29
3.2 Imprensa esportiva e o mito da democracia racial no futebol	34
4. VINICIUS JÚNIOR E A LUTA ANTIRRACISTA NO BRASIL E NA EUROPA.....	41
4.1 Do Ninho do Urubu ao Santiago Bernabeu	41
4.1.1 Atlético de Madrid x Real Madrid (18/09/2022).....	45
4.1.2 Real Madrid x Atlético de Madrid (26/01/2023).....	49
4.1.3 Valencia x Real Madrid (21/05/2023)	53
4.2 Vinicius Júnior e as novas narrativas no futebol	65
CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS	73
REFERÊNCIAS	76

1. INTRODUÇÃO

Não é só futebol é uma expressão utilizada quando situações surpreendentes acontecem durante, ou após, uma partida. A emoção do apito final do título inédito de um clube, a melhoria nas condições de vida de jogadores e suas famílias por meio do esporte, e as conexões entre eufóricos torcedores nas arquibancadas após o gol no minuto final. *Não é só futebol* representa a unidade, o poder de transformação e de integração entre indivíduos que somente o esporte mais popular do mundo é capaz de proporcionar. No entanto, há fatos que levam a acreditar que, apesar de sua popularidade, o futebol não é para todos.

No Brasil, no início do século XX, uma “recomendação” do presidente da República impediu que atletas não brancos fossem convocados para representar o país no Campeonato Sul-Americano. Essa orientação, inclusive, deixou de fora da lista de relacionados Arthur Friedenreich, o “Tigre”, homem negro que, à época, era considerado o primeiro grande craque da seleção. Mesmo que o fracasso deste time tenha contribuído para que nenhuma convocação similar fosse repetida nos anos seguintes, o racismo seguiu acompanhando o esporte.

Pouco mais de um século depois, Vinicius Júnior, brasileiro que defende o Real Madrid, clube espanhol, é constantemente alvo de insultos racistas por parte de jogadores e torcedores rivais. Durante a temporada 2022-2023 do campeonato espanhol, a perseguição ao atleta ganhou as atenções de todo o mundo. Para além dos incidentes, a divergência de fatos e notícias divulgadas pela imprensa local em comparação a outros países foi logo percebida. À medida em que o jogador reagia ao preconceito sofrido, nos principais veículos de comunicação da nação ibérica, sua luta era subvertida por meio de mensagens que legitimavam o racismo no futebol, em um processo de manipulação das informações conhecido como *spin doctor*. Em paralelo, no Brasil, os mesmos fatos constituíam discursos pautados no combate à discriminação racial e em defesa ao jogador.

Visando compreender como essas narrativas surgiram, as motivações por trás de sua origem e os possíveis impactos na construção imagética do atleta, no presente trabalho, três ocasiões serão analisadas do ponto de vista comunicacional, das Relações Públicas e da construção de narrativas, atendo-se à maneira como os casos foram noticiados nos principais veículos midiáticos da Espanha – local em que aconteceram – e no Brasil – lugar de origem do atleta. Para isso, no entanto, é necessário compreender o que são narrativas, o contexto histórico do futebol e a sua relação com o racismo.

2. SOBRE AS RELAÇÕES PÚBLICAS E NARRATIVAS

2.1 Origem das Relações Públicas

Foi com o avançar da primeira Revolução Industrial¹, na segunda metade do século XIX, que as Relações Públicas (RP) surgem como profissão. Durante esse período não era incomum grandes organizações e indústrias progredirem às custas da exploração de empregados em condições nas quais havia pouca, ou nenhuma, garantia de direitos trabalhistas (Hobsbawm, 2000). Epicentro do capitalismo moderno, os Estados Unidos da América (EUA) são conhecidos como “o berço das relações públicas” (Ferrari, 2011, p. 181 in. Grunig; Ferrari, França; 2011), onde a profissão surge diante a uma necessidade política, econômica e social da época.

Em meio a insatisfação da classe trabalhadora e sua organização em greves nos diversos setores da indústria, Ivy L. Lee, jornalista, é escolhido como o *doctor of publicity*, um tipo de médico/especialista da/em publicidade, de grandes magnatas da época, empresários que se tornaram milionários com a exploração da classe trabalhadora durante o período. Neste encargo, o profissional da comunicação tinha como objetivo amenizar as tensões entre esses donos de fábricas, em especial John Davison Rockefeller, John Rockefeller Júnior e William Henry Vanderbi, com seus funcionários e a sociedade que, de maneira geral, sentia-se desprestigiada pelas ações dos homens de negócios da época. Segundo Nassar:

Dentro desse ambiente conturbado, o jornalista Ivy Lee, considerado o pai das relações públicas, atuou [...] com o claro objetivo de melhorar o relacionamento desse[s] magnata[s] com os jornalistas, além de estabelecer algum tipo de diálogo com os trabalhadores que hostilizavam os seus negócios (2007, p. 42).

Essa função tinha como alicerce três ações concretas e essenciais que moldaram, desde então, a atuação das Relações Públicas, sendo: o controle da opinião pública, transparência nas empresas e o oferecimento de informações mais objetivas aos veículos de imprensa. À época, os empresários evitavam se relacionar com os grandes jornais e representar essas figuras públicas, e principalmente refutar críticas, era essencial para a recuperação, e em alguns casos a construção, de uma imagem favorável dos grandes magnatas que, às vistas da sociedade, não tinham credibilidade e constantemente eram atacados.

¹ Revolução Industrial é o nome dado à transição da economia agrária, e na lógica de produção baseada na manufatura, para uma economia industrial, impulsionada por inovações tecnológicas e mudanças na organização do trabalho. Este paradigma econômico, iniciado na Grã-Bretanha durante o século XIX, perdura a lógica capitalista, existente até os dias atuais. Referência: Hobsbawm (2000).

A “imagem”, define Kunsch (2016, p. 170), “[...] tem a ver com o imaginário das pessoas, com as percepções. É uma visão intangível, abstrata das coisas, uma visão subjetiva de determinada realidade”. Em outras palavras, refere-se à compreensão de uma organização ou figura pública perante o seu público. Uma imagem favorável implicava diretamente na legitimação das atividades das grandes fábricas dos “barões”, que exerciam grande influência na dinâmica social e econômica durante aquele período.

Visando a conquista dessa boa percepção, a atuação de Ivy Lee foi marcada, em grande parte, pelo impulsionamento de ações de filantropia por estes empresários, além da mediação de crises e a reaproximação de seus clientes com a imprensa – que passou a receber informações cada vez mais transparentes dessas organizações.

Além de Ivy Lee, outro pioneiro das RP e publicidade nos Estados Unidos foi o austro-americano Edward Bernays, também incumbido da missão de favorecer a imagem dos milionários norte-americanos da época. Em sua obra *Crystallizing the Public Opinion*, de 1923, o autor manifestava a sua visão sobre “o poder das ideias na propaganda” (Ferrari, 2011, p. 182-183 in Grunig, Ferrari, França, 2011). Bernays, ainda, ficou reconhecido por suas contribuições voltadas à formação e manipulação da opinião pública, baseando-se em conceitos da psicologia (Nassar, Parente, 2020), evidente em sua obra *Engenharia do Consenso*, de 1955, em que se defendia um ideal que “[...] pretendia defender alguns temas que haviam sido considerados mal interpretados” (Ferrari, 2011 in Grunig, Ferrari, França, 2011, p. 182 - 183).

As carreiras destes precursores são lembradas, com grande destaque, pela transformação da imagem de seus clientes de “capitalistas opressores” para uma espécie de “filantropos bem quistos pela sociedade”, bem como a divulgação transparente das informações sobre as organizações e suas ações. De uma maneira quase que paradoxal, ambas as trajetórias dos fundadores das Relações Públicas foram arruinadas pela falta de ética e compromisso com a veracidade dos fatos: Ivy Lee trabalhava em prol dos alemães em jornais norte-americanos às vésperas da Primeira Grande Guerra Mundial (1914 – 1928), enquanto Bernays manipulava informações falsas em benefício ao fumo nos Estados Unidos (O’ Brien, 2005 apud Nassar, Parente, 2020). Apesar dos impasses e carência de comprometimento com os valores pregados na profissão, as RP, que vinham se consolidando, progrediram durante o século XX, a medida em que voltam a se reencontrar com o propósito inicial da prática.

Diante das transformações da profissão, em uma perspectiva contemporânea, a prática de RP é tida como uma função estratégica para as organizações, instituições e/ou figuras

públicas. Para o presente trabalho, compreende-se Relações Públicas como a prática laboral que é exercida “[...] promovendo e administrando relacionamentos e, muitas vezes, mediando conflitos, valendo-se, para tanto, de estratégias e programas de comunicação de acordo com diferentes situações reais do ambiente social” (Kunsch, 2016, p. 90). A escolha por essa definição se deu motivada por sua abrangência, que compreende desde a função de planejamento à execução e uso de ferramentas de RP em diversos contextos organizacionais diferentes, sobretudo, no Brasil.

2.1.1 As Relações Públicas no Brasil

Oito anos após a criação da profissão por Ivy Lee nos EUA, o Brasil se tornava o segundo país do mundo a ter práticas profissionalizadas de Relações Públicas. Em 30 de janeiro de 1914, o primeiro departamento de RP em território nacional era aberto na multinacional canadense *The São Paulo Tramway, Light and Power Company Limited*, a Light, atual ENEL, a cargo de Eduardo Pinheiro Lobo² (Conselho Regional de Profissionais de Relações Públicas, 2023©, p. de internet). Outra iniciativa semelhante ocorreu pouco mais de uma década depois, em 1926, com a chegada da General Motors (GM) ao Brasil e a divulgação do boletim mensal do empregado aos colaboradores da empresa (Nassar, Farias, Oliveira, 2016).

Inicialmente, o exercício da profissão manteve-se limitado aos setores de empresas internacionais que chegavam ao Brasil no início do século XX, incentivadas pelas políticas de recuperação econômica instauradas no país nessa época. Como afirma Becerra (1983), as RP nos países da latino-americanos estiveram, desde o início, dependentes dos modelos e das técnicas praticadas em países como os EUA, Inglaterra e França (Ferrari, 2011 in Grunig, Ferrari, França, 2011). Esta limitação manteve-se por cerca de 40 anos quando, a partir de 1951, durante o segundo mandato do presidente Getúlio Vargas, o país passou pelo processo de estruturação do setor industrial (Bastos, 2006), tornando-se terreno fértil para a criação de grandes companhias nacionais e organizações estatais.

É a partir do incentivo à indústria nacional que os setores de informação e comunicação pública tornaram-se populares em instituições e departamentos governamentais (Fernandes, 2011, p. 39 apud Nassar, Farias, Oliveira, 2016, p. 153). No entanto, mesmo os primeiros

² Eduardo Pinheiro Lobo é considerado o “Patrono” das Relações Públicas no Brasil e, por esse motivo, o dia Nacional das Relações Públicas é celebrado na mesma data de seu aniversário, 2 de dezembro, conforme previsto na Lei Federal nº 7.197, de 14 de junho de 1984 (Brasil, 1984 ©, p. de internet).

departamentos de comunicação organização do país, onde se era exercido a prática de RP, mantinham forte influência das atividades profissionais vindas do exterior. Sobre este período, Ferrari (2011, p. 201 in Grunig, Ferrari, França, 2011) afirma que a prática laboral era:

[...] carente de embasamento em pesquisas científicas locais, [e] apoia-se, na maioria das vezes, em autores estrangeiros e, quase exclusivamente, em conhecimentos produzidos no mundo anglo-saxão, ou então em práticas profissionais que seguem estilos eminentemente pessoais sem respaldo científico.

A fundamentação teórica da profissão no Brasil seria favorecida por duas revoluções no cenário nacional: o surgimento da primeira consultoria e a fundação do primeiro curso universitário de Relações Públicas. Em 1962, o “publicitário José Rolim Valença e o administrador de empresas José Carlos Fonseca Ferreira fundaram a AAB – Assessoria Administrativa do Brasil” (Aranha, 2016©, p. de internet), agência de Relações Públicas que, na década de 1980, seria adquirida pelo Grupo Ogilvy & Mather. O pioneirismo das multinacionais recém situadas em território nacional, a criação de organizações estatais e principalmente o empreendedorismo, foram responsáveis pela migração de profissionais de outras áreas para os departamentos de RP, tornou evidente a demanda pela criação do primeiro curso de graduação do país.

Ainda que alguns cursos profissionalizantes de curta duração já fossem oferecidos na década de 1950 por instituições como a FGV – Fundação Getúlio Vargas (Chaves, 2019) e a ABRP – Associação Brasileira de Relações Públicas, fundada em 1954 (ABRP no LinkedIn, 2023©, p. de internet), o primeiro curso de graduação foi criado apenas em 1967, na antiga Escola de Comunicações Culturais (ECC), atual Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA – USP)³, no campus da Cidade Universitária (Nassar, Farias, Oliveira, 2016). A Escola não foi apenas o berço de gerações de profissionais, e sim um pilar para a popularização das Relações Públicas em território nacional ao iniciar a disseminação do curso em outras universidades do país. Para além do âmbito profissional, o curso da USP foi fundamental para a formação de docentes e pesquisadores das RP, sendo Cândido Teobaldo de Souza Andrade⁴ o primeiro doutor em Relações Públicas no Brasil, título concedido no ano de 1973 pela ECA-USP (Nassar, Farias, Oliveira, 2016).

³ Fundada em 1966 como Escola de Comunicações Culturais (ECC), o Instituto de Ensino foi rebatizado como Escola de Comunicações e Artes em 1969, quando passou a oferecer a formação universitária na área de Artes. Fonte: Site institucional da ECA-USP <<https://www.eca.usp.br/institucional/da-ecc-ea>>.

⁴ O professor doutor Cândido Teobaldo, por muitos, é considerado o verdadeiro “pai” das Relações Públicas no Brasil. Além do pioneirismo em seu título de doutor em Relações Públicas, esteve presente no primeiro corpo docente do curso de Relações Públicas da ECC-USP. Além disso, também foi o primeiro autor sobre RP, não

Além da fundação do curso, o ano de 1967 marca a regulamentação da profissão no país. Em meio a Ditadura Militar brasileira (1964 – 1989)⁵, por meio da Lei Federal nº 5.377 (Brasil, 1967©, p. de internet), de 11 de dezembro daquele ano, e pelo Decreto-Lei nº 63.283, de 26 de setembro de 1968 (Brasil, 1968©, p. de internet), a prática das RP foi legalizada no país. No entanto, a maneira como a essa liberação se deu destoa dos fundamentos básicos da atividade fundada por Ivy Lee, que visava o livre acesso à informação e transparência das organizações, e sim cedida “[...] para restringir e controlar o direito à liberdade de expressão e das relações sociais, principalmente na área da comunicação social” (Nassar, Farias, Oliveira, 2016, p. 154).

Nos anos seguintes, outras entidades foram criadas ainda visando a regulamentação da profissão que vinha se tornando cada vez mais popular. Em 1969, o Conselho Federal de Profissionais de Relações Públicas (Conferp) e os Conselhos Regionais de Profissionais de Relações Públicas (Conrerps) foram criados para atuar como fiscalizadores da profissão em todo o país (Conrerp, 2019©, p. internet). Além dessas, outras associações foram fundadas visando o avanço das RP no âmbito profissional, de ensino e pesquisa, como a Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (ABERJE), que surge como “embrião da comunicação organizacional” (Kunsch, 1997, p. 57-61 apud Nassar, Parente, 2020, p. 24); além da instituição mais recentemente fundada, a Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação Organização e de Relações Públicas (ABRAPCORP), fundado em 2006.

Foi somente a partir de 1985, durante o período de redemocratização⁶ do Brasil, e aliada à força das instituições, estudantes e profissionais, que as Relações Públicas passaram a ser exercidas de acordo com os seus valores originais. Conforme apresenta Nassar (2012, p. 20), “foi nesse contexto histórico que se passou a compreender a necessidade de as organizações olharem a comunicação com a sociedade e os seus públicos de maneira que incluísse todos os elementos do processo [democrático]” (Nassar, 2012, p. 20).

apenas no Brasil, como na América Latina, com sua obra *Para entender relações públicas*, de 1962. Fonte: Barros, 2004.

⁵ A Ditadura Militar refere-se ao período de regime autoritário instaurado no Brasil em abril de 1964, após o golpe das Forças Armadas Brasileira que tirou João Goulart, presidente democraticamente eleito, do poder. Essa forma de governo foi vigente durante 21 anos, tendo como principais marcas a censura dos meios de comunicação e expressões artística, repressão e perseguição política, tortura e violação de direitos humanos. O período, ainda, também é lembrado pelo desenvolvimento voltado ao crescimento econômico e endividamento externo. Foi somente em 1985 em que o regime teve fim, após forte influência do movimento “Diretas Já” e, posteriormente, a eleição de Tancredo Neves como presidente da república. Fonte: Araujo, da Silva, Santos, 2013.

⁶ Nome dado ao período iniciado imediatamente após o fim da ditadura militar brasileira.

A partir deste entendimento as RP progrediram e, na pós-modernidade⁷, para além de práticas totalmente operacionais, buscam também estabelecer-se como atividades estratégicas dentro das organizações – sejam essas públicas, privadas ou não governamentais. Esse reconhecimento é encarado como o principal desafio para a área no Brasil, que vem progredindo na conquista por seu espaço junto à alta administração das instituições (Ferrari, 2011 in Grunig, Ferrari, França, 2011). Em busca deste espaço, diversas ferramentas da comunicação são utilizadas por relações-públicas⁸ e comunicadores na criação e/ou manutenção de relacionamentos entre organizações e seus *stakeholders*⁹, sendo, talvez, a principal, o uso das narrativas.

2.2 Narrativas, *spin doctor* e a manipulação dos fatos

Polissêmica e comum no dialeto popular na pós-modernidade, a palavra “narrativa” acumulou uma série de significados ao longo do tempo. No dicionário de Oxford, o termo é definido como uma “maneira particular de explicar ou compreender eventos/histórias”, também referência à uma “forma particular de narrar uma situação”¹⁰ (Oxford, 2023©, p. de internet). Próximo a essas definições, o dicionário de língua portuguesa Aurélio apresenta o conceito da “ação, efeito ou processo de narrar, de relatar, de expor um fato, um acontecimento ou uma situação (real ou imaginária), por meio de palavras; narração”, bem como um sinônimo para “conto” e “ficção” (Dicionário Online de Português, 2023©, p. de internet).

A partir dessas definições, é coerente analisar o termo sob a óptica da linguagem humana, utilizada desde os princípios da civilização para tentar explicar os fenômenos do mundo. Os primeiros mitos da humanidade, desde Epopeia de Gilgamesh (que data de cerca de 4.000 A.C.), passando pela Ilíada e a Odisseia gregas, até as campanhas publicitárias e comunicados do século XXI, “cumprem com o seu papel de compartilhar destinos e experiências, além de transmitir, de alguma forma, conhecimento e sabedoria” (Nassar, Farias, Pomarico, 2019, p. 214). Como produto da linguagem, as narrativas possuem intencionalidade

⁷ Pós-modernidade, nesse contexto, refere-se ao período iniciado com o fim da modernidade, com o início do século XXI. Destaca-se pela proliferação da tecnologia e o acúmulo massivo de informações. A crescente digitalização, a interconexão global e a rápida disseminação de informações nas redes sociais têm desafiado a ideia de uma verdade absoluta, levando a uma multiplicidade de perspectivas e identidades, bem como a uma sensação de desorientação e incerteza cultural. A pós-modernidade também enfatiza a hibridização cultural, a diversidade e a fragmentação, influenciando as formas como as pessoas se relacionam com o conhecimento e a realidade no século XXI.

⁸ Refere-se ao profissional, enquanto Relações Públicas refere-se à profissão/área do conhecimento.

⁹ Entende-se como stakeholder “Qualquer indivíduo ou grupo que pode influenciar ou ser influenciado pelos atos, decisões, práticas, ou objetivos de uma organização” (Freeman, 1984, p. 25).

¹⁰ Tradução livre realizada pelo autor.

(Searle, 1995) e, por esse motivo, são utilizadas também para corroborar opiniões, incentivar comportamentos e, principalmente, motivar emoções e reforçar crenças.

Já para as Relações Públicas, a palavra vai muito além do relato de uma história ou a exposição de uma obra ficcional. As narrativas são uma construção a partir de símbolos, discursos e práticas que expressam o que está por trás do que se é dito. Em outras palavras, as narrativas são como “fios condutores” de sentidos e significados que contribuem com a formação da percepção e memória de indivíduos impactados por formas de comunicar em diferentes locais, em comunidades e épocas distintas ao longo da história.

Diante dessa compreensão, ainda, é válido ressaltar que as narrativas são produtos de seu tempo e estão ligadas intrinsecamente ao período histórico no qual foram concebidas (Pomarico, Nassar, 2017, p. 407), formando assim a ideia de realidade narrativa (RN):

A partir dessa assimilação contextual podem ser concebidos os componentes essenciais para as narrativas de uma determinada época, ou melhor, a realidade narrativa desta época (GENETE, 1972): interpretações, compreensões e construções de significados, baseadas em ritos e rituais e em valores transcendentais e subjetivos – como os sentimentos e afetos dos sujeitos que vivem e se inter-relacionam em determinado tempo e espaço. Bem como as diversidades de opiniões, crenças e valores. Uma realidade narrativa formada por uma multiplicidade de vozes, por uma grande diversidade de narrativas sobre essa realidade.

Com o avançar e popularização da internet, já no século XXI, a RN enfrenta uma série de desafios relacionados à rápida disseminação e ao manejo de informações para a divulgação narrativas irreais e manipuladoras. A multiplicação de plataformas digitais e mídias sociais, nunca foi tão fácil compartilhar todo e qualquer tipo de conteúdo com usuários que, inclusive, transitam entre os papéis de emissor e receptor em segundos, contribuindo para a criação de um excesso informacional. (Santaella, 2019). Este acúmulo de informações, no entanto, é nocivo aos usuários da rede que passam a ter dificuldades na assimilação e criticidade quanto à qualidade dessas mensagens (Farias, Cardoso, Nassar, 2020).

É a partir deste contexto em que há um “[...] salto entre a informação – não confirmada – à opinião, ignorando-se o estágio de interpretação” (ibidem, p. 212) e fomento de vieses ideológicos, lentes que refletem posições, pensamentos e crenças de bolhas sociais (Gallina; Costa; Maschio, 2019). A falta de avaliação e, por vezes, de checagem desses acontecimentos, incentiva o compartilhamento das chamadas *fake-news*, “[...] informações deliberadamente fabricadas e publicadas com a intenção de enganar e induzir os outros a crer em falsidades ou duvidar dos fatos” (White, 2017 apud Paiva, 2020, p. 147), e outras práticas de desinformação – enunciados feitos propositalmente para a indução ao erro –, passam a ganhar espaço na opinião pública.

Nassar e Parente (2020, p. 23) expõe que, na contramão do papel das Relações Públicas, um novo “perfil” de profissional, o da desinformação, ganha força:

as práticas de criação de narrativas direcionadas para a sociedade que não transparentes, que distorcem fatos, significados e sentidos são práticas de relações não públicas, possíveis de questionamentos e até criminalização por parte da sociedade e seus poderes. A tradição norte-americana do campo das relações públicas, representada por autoridades profissionais e acadêmicas, referências para o mundo acadêmico e profissional, as categoriza criminalmente como práticas de manipuladores e mentirosos – os tais *spin doctors*.

O termo *spin doctor* vem do inglês *to spin*, e refere-se a girar em torno de algo, normalmente com alta velocidade (Cambridge International Dictionary of English, 1995 apud Assad, 2017, p. 13). Este é um neologismo funciona em referência ao *doctor of publicity*, dessa vez, como uma prática de relações não públicas que direciona fontes e notícias a “girarem” em torno de um interesse próprio – dos clientes desses comunicadores. Essa expressão tem sua origem na comunicação política e foi utilizada pela primeira vez em 1984 por William Safire, escritor, e jornalista do jornal *The New York Times*, ao se referir aos consultores de comunicação por trás das campanhas dos candidatos a presidência dos Estados Unidos naquele ano, Ronald Reagan e Walter Mondale (Ribeiro, 2015).

Assim como Ivy Lee e Edward Bernays se distanciaram da ética das Relações Públicas ao final de suas carreiras, os *spin-doctors* se apresentam como “especialistas em tergiversação – quem adultera os fatos –, para caracterizar os assessores hábeis em maximizar os aspectos positivos e minimiza os negativos” (Schmitz, Karan, 2023 p. 99 apud Assad, 2017, p. 14). De maneira geral, esses profissionais buscam, de forma intencional, manipular os meios de comunicação visando defender interesses e visões de mundo próprias, a fim, por exemplo de difamar reputações ou, em casos mais extremos, veicular mensagens de ódio. Na pós-modernidade essa prática recebe outras nuances e aliados, como a descaracterização dos fatos em prol das opiniões.

Como resultado da deturpação das mensagens, a criação de narrativas tendenciosas e o acúmulo informacional característicos das novas mídias, os meios de comunicação convencionais passam por uma crescente onda de desconfiança mediante a opinião pública, que encara como “verdade” informações que por vezes, não possuem compromisso algum com os fatos. Para o professor Luís Mauro de Sá Martino, jornalista e doutor em comunicação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), essa configuração, ainda, implica na aceitação de mensagens, não pelo critério de veracidade, e sim pela vontade se acreditar nestas (informação verbal, Casa do Saber, 2018). A este tipo de ocorrido dá-se o nome de pós-verdade – circunstância na qual os fatos são menos influentes na opinião pública do que as emoções e

crenças pessoais (Dicionário de Oxford, 2016); ou, em outras palavras, a escolha da narrativa que mais convém a um posicionamento diante dos fatos ou da falta destes.

Ainda, sobre o conceito de verdade, Bucci (2019, p. 23) afirma que:

A verdade factual não se confunde – e não deve se confundir – com outras verdades, aquelas que se prendem transcendentais ou simplesmente monumentais. [...] Como um primeiro registro dos acontecimentos, um primeiro – e precário – esforço de conhecer o que se passa no mundo, a verdade factual é mais vulnerável a falsificações e manipulações.

Essas narrativas, criadas com o intuito de falsear os fatos, são utilizadas de diversas maneiras para reforçar crenças e, por vezes, mensagens irreais sobre uma figura pública, grupo social ou organização. Não é incomum, diante da pós-modernidade, encontrar discursos com tons preconceituosos e difamatórios, sobretudo na opinião pública e mídias online. Ao dizer que “na maior parte das vezes, não vemos primeiro para depois definir, mas primeiro definimos e depois vemos”, Lippmann (2010, p. 151) retrata a estereotipação como uma problemática dentro da comunicação, uma vez que a percepção do mundo exterior, interpretada pelas narrativas, é interceptada por pré-julgamentos, resultado em realidades pré-concebidas e enviesadas por opiniões, e não fatos.

O fato é que os estereótipos e os discursos irreais, propostos unicamente com o intuito de prejudicar reputações, seguem cada vez mais fortes na área da comunicação, influenciados diretamente pela presença dos *spin-doctors* e narrativas da pós-verdade. O impacto dessas narrativas demonstra-se prejudicial à sociedade como um todo, uma vez que, ao incentivam a violência e ódio, em especial, a grupos sociais anteriormente perseguidos ao longo da história. Um reflexo desse ocorrido é a perseguição e narrativas criadas envolta de jogadores negros dentro das quatro linhas do campo de futebol ao longo dos anos.

3. FUTEBOL, O BRASILEIRO E O RACISMO

3.1 Futebol, um esporte da e para a elite

Paixão mundial, o futebol moderno tem sua origem atribuída à Inglaterra do século XIX, mais precisamente à cidade e Universidade de Cambridge quando, em 1848, um grupo de estudantes se reuniu para definir a regra de um novo esporte, similar ao Rugby, com a diferença de que a bola seria conduzida com os pés ao invés das mãos (Cambridgeshire Country FA, 2007©, p. de internet). As “Regras de Cambridge”, como ficaram conhecidas, foram fixadas

nas árvores do campus e apresentavam, na ocasião, os primórdios do *Foot Ball*¹¹. No entanto, foi somente em 1863, com a criação da *Football Association* (FA) – instituição que regulamentou o esporte e suas regras universais – que o futebol passou a ter os moldes que possui nos dias de hoje (TV Globo, 2016).

Segundo dados da pesquisa *Most Popular Sports in the World – (1930/2020)*, executada pela *Statistics & Data*¹², com cerca de quatro bilhões de fãs espalhados ao redor do mundo, o futebol é a prática esportiva mais popular do planeta. Porém, tamanha popularidade nem sempre o acompanhou. Ainda em seus primeiros anos de existência, a prática esportiva foi restrita às escolas públicas da elite inglesa, devido aos processos de industrialização e urbanização da época que mudaram significativamente os padrões de vida e impediam as classes menos favorecidas de se aproximarem do esporte. Para Bracht (2005, p. 14):

[...] é importante observar também, que os jogos populares foram muitas vezes reprimidos pelo poder público [...]. No caso da Inglaterra, foi principalmente nas escolas públicas (Public Schools) que estes jogos vão sobreviver, pois lá eles não eram percebidos como ameaça à propriedade e à ordem pública.

Essa restrição permaneceu até o início da década de 1880, quando as classes trabalhadoras passaram a ter folgas nas tardes de sábado e buscavam entretenimento nas partidas de futebol (Helal apud Universidade do Futebol, 2022©, p. de internet). Com a repercussão e interesse por parte de operários crescendo, em 1885, o futebol era profissionalizado na Grã-Bretanha e disseminado como um esporte de massa predominante na Inglaterra urbana e em quase todas as nações que mantinham relações comerciais com o coroa inglesa, como é o caso do Brasil.

Em terras brasileiras, a versão oficial, aceita e reconhecida pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), é a que responsabiliza Charles William Miller, estudante paulistano, pela inauguração da prática no País após o seu retorno da Inglaterra em 1894 com uma bola de couro, chuteiras e uma bomba de ar em sua bagagem:

[...] foi Charles Miller quem organizou as primeiras partidas e integrou a primeira diretoria da Liga Paulista de Football e do Tênis. Além disso, sagrou-se artilheiro e tricampeão pelo São Paulo Athletic Club, participou da primeira partida internacional contra a Argentina, apitou jogos por vários anos, após sua saída dos campos de jogo, e ainda atuou como conselheiro das ligas paulistas (MILLS, 2014, p. 7-8).

¹¹ Termo em inglês (britânico) para futebol. Em tradução livre, pode ser definido como esporte de “bola nos pés”.

¹² Pesquisa disponível em: <<https://statisticsanddata.org/most-popular-sports-in-the-world/>>.

Sem dúvidas, Miller, o “pai do futebol”, foi peça fundamental para a popularização do esporte nacional, porém, outros indícios apontam que a relação entre o jogo de bola com os pés e o povo brasileiro é anterior ao retorno do estudante ao País. Os registros mais antigos de jogos de *football* (como é conhecido atualmente) datam de 1875, em Curitiba e, em 1878, foi realizado uma disputa entre marinheiros ingleses que desembarcaram no Rio de Janeiro, contando inclusive com a presença da Princesa Isabel na plateia (Germano, 2022). Para o presente trabalho, o ano de 1894 será considerado como o marco inicial da prática no Brasil, tanto pela sua relevância histórica quanto pela popularização da prática iniciada a partir dessa época.

O ano de 1894 é simbólico, não apenas para o esporte em terras tupiniquins, mas para a história do Brasil como um todo. “Gosto de lembrar que o futebol, o esporte mais democrático entre todas as modalidades de esporte praticadas em todo mundo, começou a existir, no Brasil, no mesmo ano em que o primeiro presidente civil – Prudente de Moraes – tomava posse” (Witter, 2003, p. 163). A correlação entre futebol e a democracia, isso é, modelo de governo no qual as decisões são tomadas a partir do poder popular, da população (Levitsky; Ziblatt, 2018), é a responsável por estabelecer uma série de mitos sobre a sua popularidade, como por exemplo, de que o futebol é um esporte inclusivo e sem distinções entre seus praticantes e fãs.

Aos acostumados com as cenas de eufóricos torcedores de etnias, tons de pele, biotipos, faixas etárias, gêneros, e até mesmo nacionalidades e culturas diferentes, em estádios com capacidade para milhares de pessoas, pode ser custoso acreditar que no início, um único público tinha o privilégio de sentir essa tal emoção. No Brasil, o futebol teve um perfil de praticantes e apreciadores definido logo em seus primeiros momentos – em geral, homens brancos, ricos e europeus, como ingleses e alemães e seus descendentes. Praticado nos clubes de regatas¹³, de cricket e arco e flecha, o futebol brasileiro era disputado e assistido unicamente por indivíduos “de boa família” (Filho, 2010, p. 18), ou seja, a minoria branca, aristocratas da época.

A definição desse perfil não foi por acaso. No final do século XIX, o Brasil já somava cerca de 10 milhões de habitantes em seu território, sendo, deste total, 58% de pessoas declaradas pretas ou pardas, 3% de indígenas (caboclos), além de que, majoritariamente, a população do País era analfabeta – cerca de 82%, de acordo com os dados do Censo Nacional de 1872 (Agência Senado, 2022©, p. de internet). Nos anos que se sucederam, em 1888, a

¹³ Agremiação esportiva voltada à competição esportiva de velocidade, ou uma corrida entre remos e/ou barcos à vela. Os clubes de regatas eram associações privadas, frequentadas pela aristocracia da época.

escravatura era abolida no Brasil, tornando as mais de 1,5 milhão de pessoas negras¹⁴ escravizadas, entre africanos e brasileiros descendentes de africanos, finalmente, livres do trabalho forçado após mais de 300 anos.

No entanto, é necessário ressaltar que mesmo com a liberdade recém conquistada, não houve avanço na mitigação dos preconceitos cultivados durante os mais de três séculos de escravidão. Assim como afirma o professor doutor Flávio dos Santos Gomes, do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ):

Os negros sistematicamente excluídos ocupam um “lugar social”: aquele da subordinação, da desigualdade, da cidadania incompleta etc. [...] E não falamos somente de algo originado somente pelos mais de 370 anos de escravidão (se fala da montagem dos primeiros engenhos e uso de escravizados indígenas e africanos desde 1512), mas também da desigualdade reproduzida na pós-emancipação com a falta de políticas públicas (ou legislação coercitiva) nas áreas rurais e urbanas, repressão às populações negras, ações policiais e mesmo com argumentos raciais cientificistas de intelectuais e pensadores. Com a abolição e o fim de uma subordinação econômica e jurídica (a propriedade sobre o escravizado) as hierarquias e desigualdades são reforçadas por desqualificações sociais e supostamente científicas, no caso a raça. (Accioli; Fernandez, 2019©, p. de internet).

O termo “raça” é um termo social, não estático, e seu sentido está relacionado às circunstâncias históricas de seu uso (Almeida, 2019). No entanto, para melhor compreensão, no presente trabalho, a palavra será assumida para definir uma caracterização, utilizada por um conjunto de pessoas que busca diferenciar-se de outros indivíduos tomando como base as relações de poder pré-definidas unicamente pela cor da pele, etnia e fenótipos. Com o final da escravidão, o preconceito de raça, antes apoiado por lei e posteriormente legitimado perante a sociedade, adotou características como a segregação de pessoas negras do convívio social, em outras palavras, “a *divisão espacial de raças* em localidades específicas [...]” (Almeida, 2019, p. 34), atitude esta conhecida como racismo.

Com a chegada do futebol, não tardou para que o preconceito e o racismo migrassem também ao esporte. A fundação dos primeiros clubes de futebol está ligada intimamente com os campos de grandes fábricas e operações ferroviárias no Brasil, além, claro, de levarem os nomes de bairros “da elite” em grandes cidades dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul aos gramados País à fora. Ainda em seus primórdios, essas associações

¹⁴ Para o presente trabalho, o termo “negro” será utilizado conforme definição dada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e inclui pessoas pretas e pardas. Fonte: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/videos/2020/08/negros-representam-56-da-populacao-brasileira-mas-representatividade-em-cargos-de-decisao-e-baixa>>.

esportivas visavam a conservação da aristocracia nas funções de competidores e torcedores, impedindo não só a participação de pessoas negras, mas também de indivíduos que, mesmo de tom de pele branca, estivessem em condições socioeconômicas menos favorecidas. Segundo Trevisan (2019, p. 22):

[...] o futebol vetou velada e até mesmo explicitamente a participação de negros e pobres em suas equipes. Os clubes que não impediam a associação das chamadas “pessoas de cor” ou então operários em seus estatutos cobravam valores impensáveis a essas classes, o que acabava por impedir a indesejada presença em seus quadros sociais.

A oportunidade dos negros nos gramados chegou junto aos anos de 1900 com a popularização inevitável do futebol no Brasil e no mundo, o fenômeno do século XX.

3.2 A luta contra o racismo entra em campo

Enraizado em sua origem, o futebol apresentou marcas profundas de desigualdade social – essa que inclui desde questões relacionadas à classe econômica, de gênero e preconceito racial – ao longo de sua história e ao redor de todo o mundo. A participação de jogadores profissionais negros, mesmo na Inglaterra, berço do esporte, só foi acontecer pouco mais de duas décadas depois a sua oficialização. Coube a um ganês ser o pioneiro nos campos do esporte bretão, responsável por abrir caminho para que tantos outros atletas negros pudessem jogar e serem reconhecidos no futebol.

Arthur Wharton, filho de pai escocês com uma princesa ganesa, fez a sua estreia no futebol amador como goleiro pelo Darlington Football Club e, posteriormente, defendeu o Preston North End, onde destacou-se pela sua excepcional velocidade (Arthur Wharton Foundation, 2020A©, p. de internet). Após uma breve pausa em sua carreira, no ano de 1889 retornou aos gramados para defender o já extinto clube Rotherham Town, tornando-se a primeira pessoa não branca a jogar futebol profissionalmente¹⁵ (Tees Valley Museums, 2023©,

¹⁵ **Nota:** Por mais que o título de primeiro jogador negro do futebol seja de Arthur Wharton, há registros de outros jogadores negros em uma época anterior ao profissionalismo. Mesmo no Reino Unido, há, ainda que poucas, informações documentadas sobre dois atletas pretos que se destacaram jogando futebol por clubes amadores na década de 1870. Robert Walker, escocês, e Andrew Watson, guianês (na época, Guiana ainda fazia parte do Império Britânico), filho de uma ex-escravizada e um fazendeiro, jogaram juntos na equipe de Parkgrove, da região de Glasgow, na Escócia. O primeiro foi destaque pela equipe Third Lanark, time formado por um regimento do Exército Britânico, e disputou a final da Copa da Escócia em 1876. Já Watson, além de ter passagem por clubes ingleses e escoceses, defendeu por três vezes a seleção da Escócia e encerrou a sua carreira em 1892, período pós-profissionalização do esporte. Por mais que haja a possibilidade de ter recebido dinheiro para jogar, Watson não é considerado o primeiro negro da história a jogar, de fato, durante a era da profissionalização do futebol. No entanto, é válido ressaltar que ele, já aposentado dos gramados, trabalhou como secretário de algumas equipes, podendo ser considerado o primeiro negro a ter um cargo na direção de um clube de futebol. Fonte: < <https://observatorioracialfutebol.com.br/os-primeiros-negros-do-futebol/> > (2018A).

p. de internet). Apesar de ser reconhecido como um goleiro de movimentos excêntricos, Wharton também se arriscou, durante sua carreira, como atacante quando necessário – habilidade essa vinda de outros esportes o qual já havia praticado, como o atletismo, ciclismo, críquete e rúgbi.

Apesar de seu destaque dentro de campo, o preconceito seguiu sendo o principal adversário do jogador durante toda a sua trajetória. Mesmo com seu talento incomparável e diversas campanhas de torcedores e dirigentes esportivos pedindo a sua convocação, Arthur Wharton nunca chegou à seleção inglesa. O jogador aposentou-se do futebol em 1902 e seus últimos anos de vida não foram gloriosos – após parar com o esporte, passou a trabalhar em uma mina de carvão até a sua morte, aos 65 anos de idade, em 1930, quando foi enterrado como indigente.

Esquecido por décadas no futebol inglês, foi a partir do ano de 1990 que seu nome e legado passaram a ser restaurados. Em maio de 1997 seu túmulo recebeu uma lápide após uma campanha antirracista no esporte realizada pela *Football Unites, Racism Divides* (FURD)¹⁶ e, na mesma década, foi homenageado postumamente com duas estátuas: um busto na sede Fédération Internationale de Football Association (Federação Internacional de Futebol), a FIFA, em Zurique (Suíça); e uma estátua de no St. George's Park National Football Centre, atual Centro de Treinamento (CT) da seleção inglesa. Em 2003, foi posto no Hall da Fama do Futebol Inglês e, em 2010, foi fundada a Arthur Wharton Foundation, com objetivo de celebrar a vida e as conquistas do jogador pioneiro (Arthur Wharton Foundation, 2020B©, p. de internet).

A inclusão racial no futebol inglês, profissional, progrediu a passos lentos. Após Arthur Wharton, outro jogador negro de renome nas ligas inglesas foi Jack Laslie, atacante que poderia ter sido o primeiro atleta negro a defender a seleção da Inglaterra. Poderia, pois, mesmo convocado pela delegação, nunca chegou a entrar em campo por seu País.

Frente ao amistoso contra Irlanda em 1925, Jack Laslie, jogador do Plymouth Argyle, recebeu a notícia de que seria convocado pela seleção Inglesa e, apenas dois dias depois, com a lista de convocados divulgada, seu nome não constava mais na mesma. O motivo do corte: os dirigentes da FA não sabiam que o jogador era negro e, assim que tomaram ciência, pediram

¹⁶Projeto social que promove a caridade e inclusão de jovens por meio do futebol, como ferramenta para quebrar barreiras criadas pela ignorância e preconceito”. Sua sede é localizada em Sheffield, Inglaterra. Fonte: <https://furd.org/about> (2023A).

que fosse desconvocado (Reis, 2023©, p. de internet). O atacante seguiu carreira até o ano de 1935 e, mesmo balançando as redes com frequência, nunca mais teve uma chance na seleção.

No ano de 2022, Leslie foi homenageado (também postumamente) com uma estátua na sede do Plymouth Argyle, em outubro. No início de 2023, em fevereiro, o jogador foi imortalizado no Hall da Fama do Futebol Inglês, no Museu Nacional do Futebol e, em março do mesmo ano, sua família recebeu um boné da FA em retratação à injustiça ocorrida em 1925 a (BBC News United Kingdom, 2023©, p. de internet). Após o ocorrido, o primeiro jogador negro a ser convocado e a defender a seleção inglesa só faria a sua estreia no ano 1978.

Viv Anderson entrou para a história do esporte ao ser o primeiro atleta negro a vestir a camisa da Associação Inglesa de Futebol em 106 anos de história. Em 1978, o então jogador do Nottingham Forest recebeu a sua oportunidade em um amistoso contra a Tchecoslováquia, mesmo enfrentando forte repressão e preconceito por parte de torcedores (The Guardian, 2023©, p. de internet). Após a primeira convocação, Anderson voltaria à seleção outras 29 vezes, além de defender a Inglaterra em duas Copas do Mundo (em 1982 na Espanha, e em 1986 no México) (FURD, 2023B©, p. de internet). Já aposentado, atualmente, a carreira de Viv Anderson “permanece como um exemplo de resiliência dentro de um meio discriminatório. [...]” (Goal, 2018©, p. de internet).

Casos como os de Arthur Wharton, Jack Laslie, Viv Anderson e tantos outros são a prova de que, por mais que seja o esporte coletivo mais popular do mundo, o futebol não é para todos. Desde a sua origem, o racismo e o preconceito, institucionalizados em sociedades diversas ao redor do planeta, segregaram e inibiram a participação de atletas negros em disputas oficiais durante décadas. No Brasil, nação que viria a ser conhecida como “o País do Futebol”, o progresso em relação às desigualdades raciais no esporte não foi diferente.

3.2.1 O pontapé inicial dos jogadores negros no futebol brasileiro

No Brasil, onde a maioria da população é negra, os primeiros passos na integração de pessoas não-brancas nas equipes e competições aconteceu simultaneamente à criação dos primeiros clubes, ainda que sem grande expressividade. Há uma certa imprecisão sobre quem, de fato, foi o primeiro jogador profissional negro em território brasileiro, sendo dois jogadores os mais comumente relacionados a este título.

Segundo registros históricos, o pioneirismo em permitir e manter pessoas de pele negra nos times e competições do esporte partiu da cidade de Campinas, interior do estado de São Paulo. No ano de 1900, a Associação Atlética da Ponte Preta (A.A.P.P.), o segundo clube mais antigo do País¹⁷, foi fundado por um grupo de estudantes do Colégio Culto à Ciência, que limpavam uma área e demarcaram um campo para a prática de futebol na Região da Ponte Ferroviária da cidade (Associação Atlética Ponte Preta, 2023©, p. de internet). Entre os fundadores, estava Miguel do Carmo, ‘Migué’, que, com apenas 15 anos de idade, além de precursor do clube, tornou-se o primeiro negro a jogar futebol no Brasil (Ponte Preta, 2023©, p. de internet), segundo a própria instituição, que ainda aguarda reconhecimento da FIFA.

Por não existirem registros que comprovem de fato que Migué defendeu a Ponte Preta em campo, como fotografias dele usando o uniforme do clube, o título de primeiro jogador negro do Brasil fica com Francisco Carregal, jogador do *The Bangu*¹⁸, do Rio de Janeiro. No ano de 1905, o Bangu, clube recém fundado na fábrica de tecidos da Companhia Progresso Industrial do Brasil, contava com cinco ingleses, três italianos, dois portugueses e apenas um brasileiro no time, este último jogador era “mulato” (Filho, 2010). A palavra “mulato”, utilizada para definir o jogador, é um termo pejorativo, cunhado na época do Brasil Colonial (por volta do século XVI), e refere-se à uma pessoa descendente de um homem branco com uma mulher negra ou vice-versa (História Luso-brasileira, 2021©, p. de internet).

A herança da escravidão seguia vívida nos ideais e relações sociais do século XX. “De acordo com os estatutos de pureza de sangue portugueses, os mulatos eram considerados uma “raça infecta”, sendo-lhes vedado o acesso a determinados cargos públicos e títulos de nobreza” (História Luso-brasileira, 2021©, p. de internet). Essa barreira social foi responsável por uma série de preconceitos para com os descendentes de pais com etnias diferentes. Devido à perseguição e ao preconceito institucionalizado, não é incomum encontrar casos de jogadores profissionais de futebol, pretos ou pardos, que buscavam mascarar a sua própria origem.

Filho de pai português e mãe brasileira, negra, Francisco Carregal chegou ao time apenas para completá-lo, pois, na época, não havia gente o suficiente para montar um time competitivo para a fábrica de tecidos (Primeiros Negros, 2022©, p. de internet). Logo ao estrear

¹⁷ A Associação Atlética da Ponte Preta foi o segundo clube a ser fundado no Brasil, no entanto, é o mais antigo em atividade nas principais competições do Brasil. O título de clube mais antigo é do Sport Club Rio Grande, fundado em 19 de julho de 1900, enquanto a A.A.P.P. foi fundada em agosto do mesmo ano. Fonte: <<https://pontepreta.com.br/nossa-historia/>>.

¹⁸ **Nota:** o artigo “The”, “o” em inglês, é devido a origem do clube, este fundado dentro da Fábrica de Tecidos em Bangu, por ingleses. Fonte: <<https://www.bangu-ac.com.br/bangu/sua-historia/>>.

no time, jogador, tecelão e operário na fábrica, chamou a atenção de todos, além pela cor de sua pele, por uma característica, à primeira vista, bastante peculiar: um cuidado excepcional com sua aparência. Das botas sempre bem engraxadas, aos calções e meias novas e camisa alinhada, o cuidado com a imagem pessoal, segundo historiadores como Mauro Filho (2010), evitaria o preconceito dos companheiros, adversário e público.

William Procter [inglês, companheiro de equipe de Carregal] podia descuidar-se, Francisco Carregal, não. No meio de ingleses, de portugueses, de italianos, sentia-se mais mulato, queria parecer menos, quase branco. Passava perfeitamente. Pelo menos não escandaliza ninguém (Filho, 2010, p. 33).

Em 1905, o Bangu venceu o time reserva do Fluminense pelo placar de 5 a 3, resultado que abriu espaço para o time filiar-se à Liga Metropolitana de Futebol do Rio de Janeiro e disputar o primeiro campeonato carioca no ano seguinte. Com a vitória do clube e o protagonismo de Francisco Carregal, com o tempo, outros clubes passaram a integrar outros jogadores de pele negra em seus times. No entanto, a repercussão por parte dos adversários foi tamanha que, em 1907, pressionada por protestos, a Liga Metropolitana de Futebol proibiria a inscrição de jogadores negros nos clubes filiados. Em repúdio à decisão, o Bangu abandonou a liga.

A decisão da Liga não foi por acaso. Como ressalta Angela Davis, filósofa estadunidense, em sua obra “Mulheres, raça e classe”, é importante considerar e refletir sobre as intersecções que existem entre raça e classe (e gênero), e compreender que entre essas características existem relações mútuas (Davis, 2016). Francisco Carregal não sofreu preconceito apenas pela cor de sua pele, mas também por sua classe. Essa era a principal diferença entre o Bangu e os demais times cariocas: o operário, comum no Bangu, e em falta no Botafogo, no Fluminense (Filho, 2010).

À época, para os poucos pretos que ascendiam socialmente era cedido o privilégio de jogar futebol sem (ou com menor) repressão, como é o caso de Joaquim Prado, o primeiro jogador negro a ser campeão por um clube no Brasil. “Joaquim Prado era preto, mas era de família ilustre, rico, vivia nas melhores rodas” (Filho, 2010, p. 36). No mesmo ano em que Francisco Carregal estreou pelo Bangu, Prado consagrou-se campeão carioca pelo Fluminense – clube de renome da elite do Rio de Janeiro: “O torcedor do Fluminense gostava do preto dele. Tratava-o como branco. Mas chamava o negro o preto do outro clube. Para ofender” (Filho, 2010, p. 281).

Nem mesmo a popularização do futebol entre as classes operárias foi capaz de combater o preconceito. Visando impedir a presença do negro e do pobre no esporte, em dezembro de 1917 era divulgada a Lei do Amadorismo, no Diário Oficial Carioca. Segundo esta:

“Não poderão ser registrados como atletas os que tirem os meios de subsistência de profissão braçal, aqueles que exerçam profissão humilhante (que lhes permitem recebimento de gorjetas), os analfabetos e os que, mesmo que não se enquadrem nas condições citadas, estejam abaixo do nível moral exigido pelo Conselho Superior de Esportes”. Em outras palavras: pretos e pobres, fora! (Trevisan, 2019, p.23).

No entanto, por mais que a lei proibisse atletas de pele negra de participarem dos jogos, não impediu que o futebol continuasse a se popularizar entre essa comunidade. Em São Paulo, Arthur Friedenreich, brasileiro, filho de alemão com uma mulher negra, foi o primeiro grande craque do futebol no país e fez parte da primeira seleção nacional convocada pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD)¹⁹. “El Tigre²⁰”, como foi apelidado, foi o responsável por, em 1919, marcar o gol que trouxe à seleção Brasileira o seu primeiro grande título – campeonato Sul-Americano, a atual Copa América (CBF – Confederação Brasileira de Futebol, 2019©, p. de internet). Em virtude da lei e da perseguição, a carreira d’O “Tigre”, à época jogador do Clube Athletico Paulistano²¹, assim como a de Carregal, foi marcada pelo “esforço em se fazer aceitar através de artifícios e práticas que visavam promover o seu próprio ‘branqueamento’” (Filho, 2010, p. 213), como, por exemplo, o fato de passar goma no cabelo para disfarçá-lo (de Souza; Júnior, 2020).

Somada a Lei do Amadorismo, entre os anos 1921 e 1922, uma “recomendação” do atual presidente da república, Epitácio Pessoa (que governou o país entre os anos de 1919 e 1922) deixou de fora atletas não brancos para representar o Brasil no Campeonato Sul-Americano. Essa orientação, inclusive, impediu a convocação de Friedenreich. O fracasso da seleção inteiramente branca na competição foi alvo de críticas pela imprensa na época e, desde então, nenhuma convocação similar foi realizada.

De certa forma, a frustração com a seleção, e a popularidade de Friedenreich e tantos outros atletas que vieram depois dele, foram responsáveis por iniciar um processo de democratização do acesso ao futebol. A passos lentos, “o povo (ia) descobrindo, de repente, que o futebol devia ser de todas as cores, futebol sem classes, tudo misturado, bem brasileiro”

¹⁹ Atual Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

²⁰ Em português, “O Tigre”. Traduzido pelo autor.

²¹ Clube já extinto que, em 1930, ao se fundir com a Associação Atlética das Palmeiras, fundaria o São Paulo Futebol Clube (S.P.F.C). Fonte: Documentário – “Onde a moeda cai em pé. A história do São Paulo Futebol Clube”.

(Filho, 2010, p. 69). A causa por um esporte sem distinções recebeu um grande aliado com a ascensão do Clube de Regatas Vasco da Gama (C.R.V.G), na década de 1920.

A agremiação foi fundada como um clube de remo, em 1898, por um grupo de imigrantes portugueses e seus descendentes e, após iniciar-se na terceira divisão do futebol carioca, em 1916, não tardou para que o time assumisse um patamar de alta competitividade no futebol estadual e nacional (Terra, 2023©, p. de internet). A equipe, formada por negros e pobres em sua maioria, em 1923, já na primeira divisão, conquistou o seu primeiro título com uma incrível campanha – 11 vitórias, dois empates e uma derrota (Ribeiro, Globo Esporte, 2023©, p. de internet).

No ano seguinte, o clube formado por pessoas pretas e pobres não parava de vencer. Os rivais cariocas encaravam quase como “[...] uma questão nacional derrotar o Vasco” (Filho, 2010, p. 122). A mera existência do clube era uma afronta aos privilégios do esporte. Segundo Mauro Filho:

Os clubes finos, de sociedade, como se dizia, estavam diante de um fato consumado. Não se ganhava campeonato só com times de brancos. Um time de brancos, mulatos e pretos era o campeão da cidade. Contra esse time, os brancos não tinham podido fazer nada. Desaparecera a vantagem de ser de boa família, de ser estudante, de ser branco. O rapaz de boa família, o estudante, o branco, tinha de competir em igualdade de condições, com o pé-rapado, quase analfabeto, o mulato e o preto para ver quem jogava melhor (2010, p. 126).

Mesmo com a Lei do Amadorismo em vigência, incapazes de retirar o Vasco da Gama das competições, os clubes rivais do Rio de Janeiro se reuniram para a criação de uma nova entidade, a Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA) e recusaram a inscrição dos vascaínos. Neste contexto, foi proposto que “o clube excluísse doze de seus jogadores da competição que, não por coincidência, eram negros e operários”, o que o clube, por sua vez, prontamente recusou por uma carta (Vasco da Gama, 2023©, p. de internet). Este episódio ficou conhecido como “A resposta histórica”, um marco na luta antirracista no futebol brasileiro e, talvez, o precursor do mito da democracia racial no esporte, uma vez que, a partir daquele momento, o “futebol brasileiro começou a ser do povo” (Vasco da Gama, 2023©, p. de internet).

3.2 Imprensa esportiva e o mito da democracia racial no futebol

Tempos antes dos camisas negras²² do Vasco da Gama escreverem história ao derrotar os seus rivais nos gramados do campeonato carioca, a democracia racial já era uma questão existente no país. No ano de 1843, cerca de duas décadas após a independência do Brasil, Karl Von Martius, antropólogo, médico e pesquisador alemão (que estudou em território brasileiro durante o século XIX) venceu o concurso “Como se deve escrever a história do Brasil” proposto pelo Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHBG) anos antes. Na tese elaborada pelo germânico, a nação era dividida em três rios – que faziam uma espécie de alegoria com as “raças” do território –, sendo: o maior rio, branco, equivalente ao europeu vindo da metrópole à colônia; outro pouco menor, representando a raça vermelha, os povos originários; e por último, o rio negro, o menor de todos, este, referente aos escravizados trazidos à força da África (Guimarães, 2010).

No excerto, a população brasileira era exemplificada como uma grande mistura que respeitava uma hierarquia definida: o branco primeiro, em detrimento do indígena e do negro, em prol de um desenvolvimento físico, moral e civil dessa sociedade (Guimarães, 2010). Fundamentalmente racista, este era o molde do conceito de democracia racial que, meio século depois, em 1933, seria reapresentado por Gilberto Freyre, em *Casa Grande & Senzala*. A obra discorre sobre a formação da sociedade brasileira, considerando os três povos que constituíram a base da nação – as populações das etnias apresentadas por Von Martius, o branco (europeu, português), o indígena e o negro (Freyre, 2003). Na visão defendida por Freyre, no entanto, os povos viviam em um tipo de harmonia, desconsiderando os preconceitos e desigualdades vivenciadas entre os indivíduos de etnias e tons de pele diferentes na época.

[...] erigiu-se no Brasil o conceito de democracia racial; segundo esta, pretos e brancos convivem harmoniosamente, desfrutando iguais oportunidades de existência. [...] A existência dessa pretendida igualdade racial constitui o “maior motivo de orgulho nacional [...]” (Nascimento, 2016, p. 41).

Em outras palavras, pode-se compreender a democracia racial como uma ideia, a concepção de um sistema de organização social livre de manifestações de preconceito ou discriminação racial, seja esta de natureza institucional ou pessoal. Esse estado de sociedade, no entanto, não passa de um mito, um ideal inalcançável, uma vez que essa dita harmonia nunca existiu. Para Lilia Schwarcz, antropóloga e professora titular da Faculdade de Filosofia, Letras

²² “Camisas Negras” é a alcunha dada aos jogadores que disputaram e venceram o primeiro Campeonato Carioca do Vasco da Gama, em 1923, responsáveis pelo título histórico. O nome é dado em referência ao uniforme do time, este, composto por uma camisa preta com a cruz gamada em vermelho na altura do peito.

e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), “o último país ocidental a pôr fim à escravidão em seu território não poderia considerar que há, no Brasil, um relacionamento somente harmonioso entre brancos e negros” (informação verbal, 2018).

Com a ascensão de pessoas negras tornando-se ídolos do futebol, não demorou para que o ideal de democracia racial fosse importado também ao esporte. Com a massificação da prática foi difundida a ideia de que, no País do Futebol, o esporte “[...] se caracterizou desde o início como um encontro de opostos onde o conflito comunitário é admitido, exercido e subordinado a um fim pacífico [...]” (Byington apud Witter, 2003, p. 164). No entanto, essa percepção é fruto de narrativas produzidas pela mídia, formadores de opinião e convenções populares da época, envolta das conquistas desses jogadores, a sua trajetória dentro de campo, e intrínsecas relações raciais e econômicas.

São essas narrativas que, por exemplo, popularizaram o termo “Liga da Canela Preta”, maneira pejorativa de referir-se a Liga Nacional de Futebol Porto-Alegrense (LNFP). A entidade foi fundada em 1920 por pessoas negras e operários como uma alternativa às Ligas de Futebol do estado do Rio Grande do Sul que, na época, não permitiam a inscrição de pretos e pobres em seus campeonatos (Magri, EL PAÍS (Brasil), 2019, p. de internet). Por mais que a expressão nitidamente racista nunca tenha sido publicada em veículos de imprensa ou documentos oficiais da época, para José Antônio dos Santos, historiador e autor do livro *Liga da Canela Preta: a história do negro no futebol*, “possivelmente, essa memória foi criada nas décadas seguintes a partir de relatos daqueles que conheceram clubes e associações envolvidas. E se manteve ao longo do tempo sem qualquer pesquisa” (Magri, EL PAÍS (Brasil), 2019, p. de internet).

A memória do preconceito viria a ganhar outras nuances a partir da década de 1930. Foi com a profissionalização do futebol brasileiro, visto sob uma ótica financeira, que o mito da democracia racial seria ainda mais inflado no esporte. “O preconceito deu lugar à necessidade de ter os melhores atletas, o que proporcionou a entrada de negros nas equipes mais ricas [...]” (de Almeida, 2012, p. de internet).

O espaço do negro no futebol passou a ser ressignificado. O legado de Friedenreich, o primeiro craque do Brasil, foi apenas o apito inicial para que outros ídolos pudessem ascender durante e após o ano de 1933. Fausto ‘A Maravilha Negra’, estrela do Bangu e Barcelona (da Espanha); Domingos da Guia, do Bangu, do Vasco, do Boca Juniors da Argentina e Nacional do Uruguai; Leônidas da Silva, o ‘Diamante Negro’ do Flamengo e São Paulo; esses e vários

outros atletas de renome chegaram ao futebol brasileiro em seus primeiros anos de profissionalização. No entanto, mesmo esses ídolos, com suas carreiras brilhantes, não estavam livres do preconceito racial.

O racista não considera trajetória ou talento, o racista considera cor, por mais que, em alguns casos, essa violência seja velada. Florestan Fernandes, sociólogo paulista, ao definir o racismo no Brasil, dizia que “o brasileiro não evita, mas tem vergonha de ter preconceito” (Rodrigues, 1995©, p. de internet). Ao negar a existência da discriminação, o futebol e seus amantes constroem uma narrativa de união no esporte, do campo da prática amadora como um espaço em que brancos e negros (e tantas outras etnias) sejam respeitadas, da arquibancada do estádio, um lugar para todos – o que, de fato, não acontece.

Em 1950, o Brasil sediava sua primeira edição de Copa do Mundo. O torneio contava com 13 seleções, divididas em quatro grupos, e o país sede realizou uma campanha excelente. Dos cinco jogos disputados até a final, foram quatro vitórias e um empate (Zarko, Globo Esporte, 2014©, p. de internet) com direito a goleadas históricas em cima da Espanha e Suécia. Antes da disputa da grande “final”²³, a cobertura da imprensa foi fundamental para criar uma atmosfera de euforia, um clima de “já ganhou” generalizado ia se formando com a chegada da partida. Inúmeros foram os exemplos dessa narrativa:

Antes do jogo contra os uruguaios, alguns jornais desfilavam as fotos dos jogadores da seleção e não economizavam em elogios aos onze que estariam honrando a nação brasileira. Incentivo ao torcedor também não faltava, por isso, pedia-se que os mesmos não deixassem de torcer a favor do selecionado como prova de patriotismo. A Rádio Continental, por exemplo, instruiu o público a se comportar no estádio de modo a “participar da enorme torcida cívica” (apud Moura, 1998, p. 114), cantando o Hino Nacional e dando apoio irrestrito ao selecionado. “Viva o Brasil – campeão do mundo” dizia a propaganda dessa mesma rádio estampada em uma página da edição do *Jornal dos Sports* que circulou no dia da decisão (JORNAL DOS SPORTS, 16/07/1950, p. 7). [...] Nas páginas da imprensa esportiva criou-se um clima de grande otimismo e até mesmo certeza da vitória diante dos orientais, como demonstrava a profética manchete da *Gazeta Esportiva*: “Venceremos o Uruguai” (apud Perdigão, 1986, p. 69). O jornal *O Mundo* foi mais enfático e cravou em sua primeira página: “Estes são os campeões do mundo” manchete estampada na capa e acompanhada da foto dos jogadores da seleção (apud Perdigão, 1986, p. 68). (da Costa, 2016, p. 130).

A vitória era quase certa. A seleção brasileira, de brancos e pretos, a seleção de todas, era ovacionada pela mídia e a nação sentia-se representada pela delegação em campo. No entanto, a derrota veio justamente no último jogo contra o Uruguai, em pleno estádio do

²³ Na época, o regulamento da FIFA previa que, após a fase de grupos, as seleções que ficassem em primeiro lugar se classificariam e formariam um novo grupo, disputando entre si. O primeiro colocado deste grupo de “finalistas” seria o campeão do Torneio e, por um acaso, Brasil e Uruguai disputaram o primeiro lugar no último jogo do campeonato.

Maracanã, construído dois anos antes para o evento, com mais de 200 mil pessoas presentes. A frustração com a seleção logo deu espaço à busca por vilões, os culpados pelo Maracanazo – nome dado à derrota do Brasil na ocasião. As mídias e a população, que antes da derrota buscavam enaltecer todos os jogadores, com a derrota, culpabilizam principalmente três jogadores que, não por coincidência, eram pessoas pretas.

O campeonato do mundo de 50, em vez de glorificar um novo ídolo do futebol brasileiro, que, segundo todas as probabilidades, seria um mulato ou preto, à imagem e semelhança de Arthur Friedenreich e Leônidas da Silva, o que fez foi reavivar um racismo ainda não de todo extinto. O que disfarçava era o entusiasmo pelos heróis mulatos e pretos do futebol e de quem dependiam milhares de clubes e milhões e milhões de brasileiros (Filho, 2010, p. 280).

Moacyr Barbosa, o goleiro, e Bigode, o lateral esquerdo, e Juvenal, zagueiro, até então destaques positivos da seleção, foram pontuados como os principais culpados pelo vexame brasileiro. Barbosa, por uma possível falha ao tentar realizar a defesa do gol; Bigode, por não atacar o adversário; e Juvenal por não encobrir Bigode. A derrota ficou na conta dos três jogadores negros da equipe pois “era o que dava, segundo os racistas da que apareciam aos montes, botar mais mulatos e pretos do que brancos num escrete brasileiro” (Filho, 2010, p. 290).

A narrativa predominante sobre o Maracanazo, e que progrediu no tempo, escolheu os seus antagonistas por meio de uma falsificação dos fatos. Foi essa escolha pela pós-verdade que descredibilizaria a carreira desses jogadores, principalmente a de Moacyr que, após o ocorrido seria marcado para sempre como “o responsável pelo maior fracasso da seleção” por muitos anos, além de contribuir com um estigma de que goleiros negros “não passam confiança”. Um preto só voltaria a defender a seleção canarinha entre as traves, como titular, em 1966, quando Manga defendeu o Brasil contra Portugal no último jogo da fase de grupos (Valente; Gomes; ESPN, 2021, p. de internet). No entanto, foi somente em 2006, com Dida, que um goleiro negro jogaria toda a competição como titular (Observatório da Discriminação Racial no Futebol, 2018B ©, p. de internet).

O reconhecimento de Barbosa e a justiça à sua memória chegaria tardiamente, pouco mais de duas décadas após seu falecimento. Foi realizada, entre junho de 2021 e janeiro de 2022, no Museu do Futebol, localizado no Estádio do Pacaembu, em São Paulo, a exposição *Tempo de Reação – 100 anos do goleiro Barbosa*, com o intuito de homenagear o goleiro.

A pesquisa da exposição temporária Tempo de Reação — 100 anos do goleiro Barbosa, [...], pois, a intenção de desconstruir essa memória cristalizada, oferecendo ao público novos ângulos sobre a trajetória de Moacyr, para muito além da referida competição mundial, em conformidade com o antirracismo. Celebrar seu centenário significava

restaurar sua carreira vitoriosa e buscar indícios acerca de sua vida pré e pós-atleta profissional de futebol. (Museu do Futebol, 2022©, p. de internet).

As cicatrizes do Maracanazo só começariam a se fechar quando o Brasil e o mundo conhecessem o maior jogador de todos os tempos, um negro brasileiro, o “Rei”. Edson Arantes do Nascimento, Pelé, fez sua estreia pelo Santos Futebol Clube (S.F.C) no ano de 1956, quando tinha apenas 16 anos de idade. Destaque imediato no time alvinegro praiano, chegou a ser artilheiro do primeiro campeonato que disputou profissionalmente, o Paulista de 1957. Neste mesmo ano, Pelé faria a sua estreia pela seleção brasileira (Santos Futebol Clube, 2023 ©, p. de internet).

Já com 17 anos, fez a sua estreia com a camisa da seleção brasileira e entrou para a história sendo o principal destaque na conquista da primeira Copa do Mundo do Brasil, em 1958, sendo o jogador mais jovem até hoje a vencer o torneio (Martins, EXAME, 2022, p. de internet). Pelé foi mais do que apenas um jogador, foi o responsável por imortalizar uma série de preceitos sobre o futebol – como a camisa 10 pertencer ao grande craque do time –, além de ser o único jogador que conquistou a Copa do Mundo por três vezes, até a 22ª edição do campeonato, realizada em 2022. Entre diversos outros feitos, O Rei acumula em sua carreira mais de 1.200 gols (Máximo, O Globo, 2022, p. de internet) e o fato de ter contribuído diretamente para o mito da democracia racial no futebol:

O sucesso avassalador de Pelé o fez ser reconhecido “como um dos grandes responsáveis por elevar a autoconfiança e orgulho do povo negro e representar, simbolicamente, a vitória coletiva da raça após anos de exclusão no futebol e nas demais esferas sociais” (Barbosa, 2020, p. 135)

Pelé, para além de um jogador, foi símbolo de duas narrativas antagônicas: uma meritocrática, e outra de negação do racismo.

Ser considerado por muitos como o maior astro de todos os tempos do esporte é assumir que ele venceu. O negro é capaz de ser vitorioso neste jogo que, por ter seu principal representante uma pessoa não branca, é de e para todos. Como uma espécie de “prova” da harmonia entre brancos e negros no país, a nomeação d’O Rei” fez com que Pelé se tornasse um “símbolo da superação da ideia de que o Brasil era malsucedido por ser uma nação negra e mestiça, dessa forma incapaz de se igualar às grandes nações europeias” (Silva, 2008, p. 36 apud Barbosa, 2020, p.136).

No entanto, como de uma forma paradoxal a primeiro instante, foi ao chegar neste patamar que o ex-jogador se viu vítima de racismo. Após a conquista do primeiro título mundial do Brasil, o ex-atleta foi personagem de uma reportagem da revista Cruzeiro, onde chegou a

ser comparado com o Saci-Pererê, figura folclórica brasileira, pela cor de sua pele. Na mesma revista, há uma insinuação de que, com a passagem dos jogadores brasileiros pelo país, uma criança loira se assombra com a presença de Pelé e se surpreenderia com a sua capacidade de falar, o comparando com um animal (Wilkson, UOL, 2014, p. de internet).

Apesar de ser um ícone para o esporte, durante sua carreira (e mesmo após se aposentar), Pelé foi acusado diversas vezes de não usar a sua visibilidade em prol da luta antirracista. Para Angélica Basthi, jornalista e autora do livro *Pelé: uma estrela negra em campos verdes* (2011), o Rei do Futebol, à semelhança de como atuava durante o seu auge, nos anos 1970, “nunca quis ser vinculado à questão racial” (Viola, Revista Trip, 2020, p. de internet). Com o passar dos anos, no entanto, o ex-jogador passou, mesmo que de maneira discreta, a posicionar-se a favor da causa, como, por exemplo, ao realizar uma publicação em seu Instagram sobre o movimento *Black Lives Matter*, em 2020.

Apesar das críticas por não ter se envolvido diretamente com o ativismo, o ex-atleta, durante a sua carreira, não deixou de expressar seu apoio à pauta de igualdade racial sempre que possível. Durante a Copa do Mundo de 1970, “a lenda canarina se juntou a outros jogadores para protestar contra a discriminação racial no México” (Menezes, Universidade Federal Fluminense, 2023©, p. de internet). Entre os anos de 1995 e 1998, enquanto Ministro extraordinário do Esporte, do primeiro Governo de Fernando Henrique Cardoso, Pelé declarou ao Congresso Nacional que pessoas negras deveriam votar em candidatos negros para “defender a nossa raça”, só assim, segundo ele, a vida dessa parcela da população poderia enfim melhorar (Westin, Senado Federal, 2023©, p. de internet).

Ao contrário dos atletas do início do século XIX, como Francisco Carregal e Artur Friedenreich, que buscavam meios para disfarçar sua cor, Pelé nunca negou suas origens, e a sua popularidade e alcance, ainda que sem o ativismo como aliado, foram fundamentais para promover ainda mais discussões sobre o racismo no esporte e na sociedade brasileira. Em *O negro no futebol brasileiro*, Mario Filho, jornalista esportivo, destaca a relevância histórica do atleta que “[...] faz questão de ser preto. Não para afrontar ninguém, mas para exaltar a mãe, o pai, a avó, o tio, a família pobre de pretos que o preparou para a glória” (Filho, 2010, p. 17). Essa representatividade atrelada à imagem do jogador foi fundamental para inspirar e emancipar outros brasileiros que viam, no Rei do Futebol, uma referência contemporânea do movimento negro (Pires, El País (Brasil), 2020©, p. de internet).

Por mais que o legado de Pelé tenha promovido avanços e mudanças em relação às questões raciais no futebol, a discriminação continua tão presente quanto na época de Arthur Wharton. Mesmo que tardiamente, os exemplos de Moacyr Barbosa, Pelé, e tantos outros atletas que dedicam a sua vida ao esporte, acompanhou intimamente a luta pela igualdade racial dentro e fora de campo. No entanto, talvez a pauta nunca tenha atingido a repercussão necessária como tem com Vinícius Junior, um dos principais jogadores brasileiros em atividade, que se tornou um símbolo da luta antirracista pelo seu enfrentamento à violência vivenciada durante a sua carreira.

O destaque de Vinícius Jr. (Vini) voltou para ele, também, as constantes provocações por parte de jogadores e torcedores adversários, bem como a imprensa, que utilizam de injúria racial e outras menções racistas para desqualificá-lo. Sua luta e posicionamento são subvertidos pela criação de narrativas, chamadas de *spin-doctor*, que manipulam as informações e acaba por incentivar novos ataques na imprensa, mídias e ambientes esportivos. A partir deste entendimento, pretende-se, com este trabalho, investigar o uso dessas narrativas por parte da imprensa espanhola, país de origem do *Real Madrid Club de Fútbol (R.M.C.F.)*, Real Madrid, onde o jogador trabalha atualmente, e brasileira, visando compreender as suas motivações e impactos na reputação do atleta e as consequências para o esporte como um todo.

Para tal, serão analisadas, no presente trabalho, as repercussões dos principais veículos nacionais da Espanha, como El País, devido a sua grande visibilidade e impacto internacional, bem como períodos esportivos, como o Jornal Marca, As (Catalunha), Super Deportivo e o *El Chiringuito*, que tomaram espaço na grande mídia internacional devido às narrativas empregadas em suas divulgações. Em paralelo, O Globo, O Estado de São Paulo e o Correio Braziliense, jornais tradicionais do Brasil, foram escolhidos para a análise comparativa devido a sua forte presença e veiculação em território brasileiro. Ainda, para melhor compreensão das narrativas compartilhadas, demais canais de comunicação, como o site da ESPN Brasil e o programa Globo Esporte, bem como as redes sociais – como as de Vinicius Júnior – foram visitadas pontualmente para um complemento das informações, quando se fez necessário.

4. VINICIUS JÚNIOR E A LUTA ANTIRRACISTA NO BRASIL E NA EUROPA

4.1 Do Ninho do Urubu ao Santiago Bernabeu

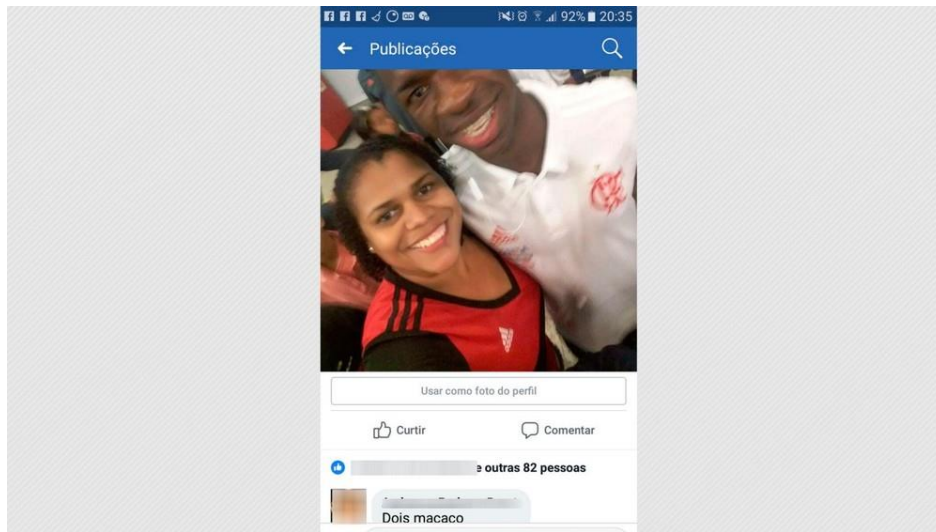
A alta velocidade e dribles irreverentes acompanharam Vinícius José Paixão de Oliveira Júnior, mais conhecido como Vini Jr., desde os primeiros passos na escolinha de futebol filiada ao Flamengo no bairro do Mutuá, em São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro. A trajetória de Vini até o Centro de Treinamento George Helal, o “Ninho do Urubu”, iniciou cedo, quando ele tinha apenas cinco anos de idade e se destacava nos treinos do futebol de campo e de quadra, o futsal (Siqueira, Globo Esporte, 2017, p. de internet). Em 2010, com apenas dez anos de idade, passou na peneira para o futebol de campo no Flamengo; cinco anos mais tarde, seria campeão Sul-Americano sub-15 com a seleção brasileira, e já em 2017, iniciou sua carreira como jogador profissional pelo Flamengo, com apenas 16 anos de idade.

Não é incomum, no mundo do futebol e em especial no Brasil, que atletas promissores surjam ainda muito jovens. Exemplos como Ronaldo Nazário, Ricardo “Kaká” e Neymar Jr. são nomes emblemáticos e reconhecidos por apresentarem grandes atuações apesar de sua pouca idade. O mesmo aconteceu com Vinícius Júnior, principalmente durante participação nos torneios disputados pelo Flamengo em 2017. Apesar de semelhantes em seu início, a carreira de Vini se destaca dos demais por um fator além do futebol jogado: o enfrentamento ao racismo.

Os primeiros casos de perseguição e discriminação racial contra o jogador datam ainda da sua passagem pelo Brasil. Durante partida válida pela semifinal da Copa do Brasil de 2017, entre Flamengo o Botafogo, em agosto do mesmo ano, a família do atleta foi insultada por um torcedor botafoguense no estádio. A ocasião foi tratada como um “caso isolado” pelas autoridades e não houve punições severas ao clube; já o torcedor, foi detido pela Polícia Militar e liberado horas depois (Dias, Folha de São Paulo, 2017, p. de internet).

Em fevereiro de 2018, uma torcedora e o jogador foram alvos de comentários racistas em uma publicação em um grupo nas redes sociais da torcida do Flamengo. Na ocasião, a vítima prestou queixa na polícia e abriu um processo judicial contra o agressor e, mesmo procuradas, as assessorias do clube e do jogador preferiram não se pronunciar sobre o ocorrido (Pinheiro, Globo Esporte, 2018, p. de internet).

Imagem 1 – Torcedora do Flamengo e Vini Jr. são alvos de comentários racistas na internet



Reprodução: Globo Esporte (2018).

Em março do mesmo ano, em confronto válido pela semifinal da Taça Guanabara, torcedores do Botafogo direcionaram xingamentos racistas para o jogador do clube rubro-negro após sua expulsão por uma falta cometida a um jogador adversário no Estádio Nilton Santos, no Rio de Janeiro. Nas redes sociais, torcedores do Flamengo compartilharam imagens e repudiaram o ato de racismo em defesa ao jogador. Novamente, o clube e a assessoria do jogador não se pronunciaram sobre o ocorrido.

Imagem 2 – Torcedora do Botafogo faz gesto obsceno e xinga Vinicius Júnior



Reprodução: SportTV (2017).

O último caso de racismo contra o atleta que teve grande repercussão, enquanto ainda jogava em solo brasileiro, ocorreu em junho de 2018, após vitória do Flamengo em cima do Paraná, em partida válida pela Série A do Campeonato Brasileiro. Desta vez, uma publicação de um membro de grupo do Facebook referia-se ao atacante como “macaco” e, abaixo, apresentava uma foto do jogador emocionado após o jogo (Globo Esporte A, Globo, 2018, p. de internet). O presidente do clube rubro-negro, Eduardo Bandeira de Mello, na época, condenou a atitude e solicitou apuração do crime de injúria racial ao Ministério Público (MP).

Imagem 3 – Vini Jr. em Flamengo x Paraná (Campeonato Brasileiro de 2018)



Reprodução: O Estado de São Paulo (2018).

O silêncio do atleta nestas ocasiões foi emblemático e demonstra uma virtude de Vinicius que foi reforçada em sua imagem no início de sua carreira: a sua maturidade. Vini é um jovem jogador que utiliza de seu talento para rebater as críticas sofrida e o racismo dentro de campo. Paulo Cobos, editor executivo e colunista da ESPN, descreve essa postura como “profissional”, e afirma que o jogador “nunca foi ‘menino Vini’, irresponsável e infantil em campo” (Cobos, ESPN, 2022, p. de internet).

A alcunha de “menino” para jovens craques em ascensão ainda é comumente utilizada pela mídia esportiva brasileira. O uso dessa palavra se dá por uma escolha narrativa, uma maneira de aproximar os fãs do esporte às crianças que, assim como Pelé uma vez desejou, sonham um dia em jogar futebol profissionalmente. Talvez um dos exemplos mais significativos da última década (2010-2020) seja o de Neymar Júnior, ídolo assumido de Vinicius. Por mais de dez anos Neymar foi referenciado por parte da imprensa brasileira e francesa (por onde jogou grande parte de sua carreira), como imaturo, irresponsável e

“mimado”, além de “brincalhão” e enérgico, adjetivos comumente associados a crianças em contextos de desenvolvimento.

Apesar da semelhança em algumas características técnicas, como dribles em alta velocidade, boa finalização e o costume de dançar ao comemorar seus gols, diferente de Neymar Jr., as críticas a Vinicius envolvem, principalmente, a cor de sua pele – e a venda do jogador ao Real Madrid, clube espanhol, tornaria isso ainda mais evidente. Na Europa, Vini Jr. fez sua estreia pelo clube merengue aos 18 anos de idade, e aos poucos, garantiu seu espaço no time titular da equipe, após enfrentar uma série de críticas pelo alto valor nele investido e expectativas não alcançadas durante o seu início. Tal visibilidade garantiu ao jogador sua primeira convocação para a Seleção Brasileira, em fevereiro de 2019, colocando o jovem de São Gonçalo nos holofotes do mundo inteiro.

Defendendo o Real Madrid, os ataques ao jogador tornaram-se cada vez mais recorrentes, principalmente por seus dribles e danças em campo. Entre o início de 2021 e maio de 2023, a La Liga – principal campeonato do futebol espanhol e entidade responsável pela organização do mesmo – registrou nove processos abertos por racismo contra o jogador, sendo três destes já arquivados e nenhum com punições severas a torcedores ou clubes envolvidos (Globo Esporte, Globo, 2023, p. de internet). Essa violência dentro e até mesmo fora dos estádios, é acompanhada por uma narrativa que busca deslegitimar Vinicius, colocando o jogador como merecedor dos ataques por “provocar” os adversários com seus dribles e suas comemorações de gols.

A perseguição e o número de denúncias aumentaram significativamente durante a temporada 2022-23 da La Liga, iniciada em agosto de 2022 e encerrada em junho de 2023, após inúmeros ataques ao atleta ganharem a atenção de todo o planeta, impulsionado principalmente por sua presença e atuação na Copa do Mundo do Catar, em novembro de 2022. Estes ataques, ainda, ao serem divulgados pela imprensa local são apoiados por uma série de narrativas que negam e ainda legitimam o racismo no futebol. Em paralelo, a cobertura destes fatos, no Brasil, recebe outros vieses, e demonstram narrativas próprias de combate à discriminação racial.

Para compreender quais são essas narrativas e os seus impactos para a realidade do futebol moderno, três ocasiões serão analisadas do ponto de vista comunicacional, atendo-se à forma como os fatos foram noticiados e verdades difundidas por canais midiáticos – desde a imprensa tradicional às redes sociais – em ambos os países.

4.1.1 Atlético de Madrid x Real Madrid (18/09/2022)

Às vésperas do clássico da capital espanhola, torcedores *colchoner* se organizaram aos arredores do estádio Wanda Metropolitano, do Atlético de Madrid, e gritaram xingamentos racistas a Vini Jr., o chamando de “macaco”. Mesmo após denúncia à La Liga, o caso foi arquivado meses após o ocorrido com a alegação de que os cânticos foram proferidos em um contexto de “partida de futebol de máxima rivalidade” e que por ter durado “apenas alguns segundos” não se configuraria como um delito (ESPN Brasil, 2022, p. de internet). O fato passou impune pela justiça do país, porém, na imprensa local, certa atenção foi dada ao ocorrido.

O racismo não só acompanhou a partida desde antes ao apito inicial como foi um fator premeditado e subvertido. Na semana do jogo, uma fala de Koke, meio-campista do Atlético de Madrid e seleção espanhola, tomou os jornais e programas esportivos do país, ao afirmar que “se ele [Vini Jr.] fizer um gol e decidir dançar haverá problemas, com certeza”. Essa tentativa de intimidação virou pauta do programa *El Chiringuito*, da televisão espanhola onde o empresário Pedro Bravo condenou as danças realizadas pelo jogador brasileiro com declarações racistas e xenofóbicas: “Tem que respeitar o adversário. E quando você faz um gol no adversário, se quer dançar samba, que dance no sambódromo no Brasil. Aqui [na Espanha] tem que fazer e respeitar o seu companheiro de profissão e deixar de fazer macaquices” (Globo Esporte, Globo, 2022, p. de internet).

A resposta ao programa foi imediata. Logo a hashtag #BailaViniJr tomou conta de redes sociais em todo o mundo e diversos atletas, como Neymar Jr., Xavi Hernández, Pelé, e instituições como a CBF, Flamengo e Real Madrid, manifestaram-se em apoio a Vini Jr. no enfrentamento aos comentários preconceituosos e o racismo no futebol.

Imagem 4 – Pelé manifesta apoio a Vini Jr.



Reprodução: Twitter – @Pele (2022).

Já na mídia tradicional, o El País, principal jornal espanhol, não fez nenhuma menção ao ocorrido na capa da versão impressa do periódico. Por sua vez, a versão digital fez apenas uma breve menção às manifestações racistas, logo no início do artigo assinado por José Sámano: “na pira do Metropolitano, com repugnantes insultos racistas a Vinicius antes do jogo, o Real Madrid também dançou”²⁴ (Sámano, El País España, 2022, p. de internet).

²⁴ Tradução livre.

Imagem 5 – Capa: El País (Espanha), 18/09/2022



Reprodução: El País - Espanha (2022).

O fato de passar impune demonstra como o racismo, sobretudo no futebol, não é (ou era) uma discussão tão presente no país, que encarou os insultos como apenas uma provocação rotineira do ambiente dos estádios. Ao comparar o atleta a um macaco, os agressores buscam desumanizar e reafirmar a sua raiva, não apenas contra o jogador, mas às pessoas de pele negra e estrangeiros, além de evocar, por meio de uma narrativa baseada na manipulação dos fatos, ao tempo em que essas pessoas não podiam participar do esporte.

Hannah Arendt (2011), em *Sobre a Violência*, explica que a raiva surge quando há motivos (racionais ou não) para supor que as circunstâncias atuais poderiam ser mudadas e, no

caso destes torcedores agressores, a circunstância é a não aceitação da diversidade e o incômodo pelo fato do principal astro do esporte no país ser um estrangeiro:

Não há dúvida de que é possível criar condições sob as quais os homens são desumanizados – tais como os campos de concentração, a tortura, a fome –, mas isso não significa que eles se tornem semelhantes a animais; e sob tais condições, o mais claro indício da desumanização não são a raiva e a violência, mas a sua ausência conspícua (Arendt, 2011, p. 77).

Manifestações odiosas, lembra Karnal (2019, p. 42), são “[...] sempre uma resposta ao medo, à insegurança e à ignorância”. Medo este vindo do sentimento de assistir a um estrangeiro, uma pessoa preta, como protagonista e uma espécie de representante da nação europeia, devido ao status e popularidade que o brasileiro alcançou. A herança de séculos de escravização e colonização de povos com fenótipos iguais ao de Vinicius por espanhóis (e demais países europeus) pode ser observada como motivadora o suficiente para que haja este tipo de reação violenta por parte de torcedores, jogadores rivais e comentaristas esportivos no país.

Apesar da hostilização sofrida, Vinicius se manteve em campo durante toda a partida e acompanhou, em uma dança, a comemoração de Rodrygo, após o primeiro gol da vitória dos merengues por 2 a 1.

Imagem 6 – Rodrygo e Vinicius dançam no Estádio Metropolitano (19/08/2022)



Reprodução: Twitter – @realmadrid (2022).

A dança dos brasileiros do clube madrileno foi uma resposta, não apenas aos atleticanos ou *El Chiringuito*, mas a todas as críticas sofridas pelo atleta durante anos. Vini, que anteriormente rebatia os insultos apenas em campo, com o seu talento, passaria a se posicionar mais veementemente contra o racismo e a perseguição sofrida na Europa. Em suas redes sociais, o atacante publicou um vídeo onde afirmava que “não iria parar de bailar”²⁵ e agradeceu o apoio recebido.

Após a vitória do Real Madrid, os comentaristas do *El Chiringuito* pediram desculpas ao jogador e ao público brasileiro pelo “mal-entendido”: “Quero deixar um recado para todos os brasileiros. A expressão “brincar de macaco” na Espanha é fazer papel de bobo. Não é racista. Mas na tradução foi mal interpretada. Um forte abraço e continue a dança”. (Globo Esporte, Globo, 2022). O pedido de desculpas, no entanto, foi acompanhado de uma negação do racismo, dando indícios de que o preconceito racial no país também está relacionado com uma sistematização do problema.

Já no Brasil, a repercussão dada pela grande imprensa foi semelhante: o pós-jogo e o “pedido de desculpas” de Pedro Bravo ganhou as manchetes dos jornais, enquanto as provocações de Koke foram pouco comentadas pelos canais tradicionais de mídia. Nas redes sociais, a #BailaViniJr, e variações como #BailaVini, virou tendência: músicas, vídeos curtos com lances do atleta, textos e mensagens em apoio por parte de fãs, outros jogadores, jornalistas e influenciadores. Esse “mantra” virou sinônimo de uma luta contra o racismo no futebol, o que levou a uma maior visibilidade do trabalho do jogador fora dos gramados.

4.1.2 Real Madrid x Atlético de Madrid (26/01/2023)

O racismo contra Vini Jr. voltou a ser pauta às vésperas do clássico de madrileno válido pela Copa del Rey de 2023 quando, durante a madrugada de 26 de janeiro de 2023, torcedores do Atlético de Madrid amarraram pelo pescoço um boneco com a camisa do atacante brasileiro, simulando o seu enforcamento. Acima do boneco, foi colocada uma faixa com a mensagem: “Madri odeia o Real” (CNN, 2023, p. de internet). Em nota oficial, o Atlético repudiou o ocorrido e afirmou não ter conhecimento sobre quem foram os autores da intimidação, enquanto o Real Madrid manifestou o seu apoio ao atleta.

²⁵ Disponível em <<https://twitter.com/vinijr/status/1570893793028874240>>.

Após a ameaça pública ao jogador, a La Liga condenou veementemente os “atos de ódio” contra Vini Jr. e garantiu que os fatos seriam apurados para garantir “mais severas sanções penais” (CNN, 2023, p. de internet). Cerca de quatro meses depois, em maio de 2023, após audiência com juiz, a justiça espanhola cedeu liberdade condicional a quatro suspeitos pelo crime, que foram punidos com a proibição de se aproximar, a menos de um quilômetro, de qualquer estádio de futebol (Terra, 2023, p. de internet). Já a partida foi realizada normalmente, e o Real Madrid saiu vitorioso com gols de Rodrygo, Benzema e Vinicius.

Imagem 7: Torcedores do Atlético de Madrid amarram boneco com camisa de Vini Jr. pelo pescoço.



Reprodução: Folha de São Paulo (2023).

Para alguns dos principais jornais da Espanha, a vitória dos merengues sob o Atlético foi preterida à ameaça sofrida por Vinicius Júnior. A edição do dia 27 de janeiro de 2023 do jornal Marca trouxe em sua capa uma foto dos atletas do Real Madrid comemorando a vaga nas semifinais da Copa, sem menção alguma às manifestações racistas realizadas na madrugada do dia anterior. Já na versão digital do periódico, somente em uma das três notícias publicadas sobre o clássico há menção sobre o caso de racismo, porém, colocando a participação de Vini na partida como uma espécie de “superação” ao ocorrido (Ochoa, Marca, 2023, p. de internet), sem que, de fato, houvesse uma solução para o acontecimento.

Imagem 8: Jornal Marca, da Espanha, não menciona racismo na Copa del Rey (27/01/2023)



Reprodução: Marca (2023).

O El País, em sua edição diária, incluiu uma manchete sobre o jogo, porém, sem menções ao episódio de racismo contra Vinicius Júnior na capa. Na versão digital, a matéria sobre o jogo não incluiu menções às ameaças ou crime de racismo, e sim sobre a participação polêmica da arbitragem do clássico (El País, 2023, p. de internet).

Imagem 9: Capa – El País (27/01/2023)



Reprodução: El País – Espanha (2023).

Em ambas as situações, os veículos de imprensa parecem seguir uma linha de decisões editoriais semelhantes, com foco em esconder o racismo e os recorrentes atos e manifestações xenofóbicas contra Vinicius Júnior. Ao voltar-se totalmente ao resultado e, possíveis polêmicas dos 90 minutos da partida, os canais abdicam da responsabilidade de evidenciar a violência sofrida pelo atleta e de possibilitar diálogos para contribuir com a mitigação dos preconceitos ainda existentes no esporte. Desta forma, os discursos empregados colocam a pauta do preconceito racial como uma questão de menor relevância no país. Muito além disto, ainda, essa posição opta por uma “verdade” do jogo, dos duelos realizados dentro das quatro linhas em que o resultado de uma rodada de campeonato é mais importante que a garantia dos direitos humanos ou a união e equidade buscadas e conquistadas durante séculos.

No Brasil, a repercussão foi antagônica. Fotos da ponte com faixa e o boneco vestido com a camisa 20 do Real Madrid ilustraram as capas e manchetes de alguns dos principais jornais do país. O Globo e O Correio Braziliense, por exemplo, incluíram menções na capa das edições impressas e em seus sites, apresentando as manifestações racistas dos torcedores atleticanos como principal assunto de discussão.

Imagem 10: Capa – O Globo (27/01/2023)



Reprodução: O Globo (2023).

Imagem 11: Capa – Correio Braziliense (27/01/2023)



Reprodução: Correio Braziliense (2023).

4.1.3 Valencia x Real Madrid (21/05/2023)

O ápice da violência contra Vinicius Jr. foi representado em um episódio bastante significativo: o jogo válido pela 35ª rodada do campeonato espanhol, entre Valencia e Real Madrid, realizado em 21 de maio de 2023. Desde o início da partida era possível ouvir parte da torcida, no estádio de Mestalla, gritarem “mono”, palavra em espanhol para “macaco”, quando Vinicius Júnior tinha posse da bola ou se aproximava da beirada do campo, próximo a torcida valenciana. Foi no segundo tempo, no entanto, que o jogo foi interrompido após a intensificação dos cânticos em ofensa ao brasileiro.

O estopim aconteceu após Vinicius Jr. ser atrapalhado por uma segunda bola dentro de campo e reclamar com a arbitragem enquanto parte da torcida, mais próxima ao gol do Valencia, o hostilizou com xingamentos racistas e mímicas de macaco. Já incomodado, o jogador denunciou um torcedor ao árbitro da partida, enquanto jogadores de ambas as equipes

tentavam acalmá-lo. Após uma conversa entre os membros da arbitragem, foi iniciado o protocolo padrão de La Liga para a incidência de atos racistas dentro dos estádios, e foi emitido um comunicado que informava a paralização da partida, que só voltaria a ser iniciada caso os xingamentos fossem encerrados (Globo Esporte, GE, 2023B, p. de internet).

Imagem 12: Vinicius Júnior aponta torcedor racista durante jogo contra o Valencia



Reprodução: Globo Esporte (2023).

Passados oito minutos de paralização, o jogo foi retomado e, já no final do segundo tempo, uma nova confusão começou na área do Valencia. O goleiro Mamardashvili foi para cima do atacante brasileiro e, ambos os atletas, receberam um cartão amarelo de imediato. Durante o tumulto, o atacante do Valencia, Hugo Duro, deu um mata-leão no brasileiro, que revidou o acertando no rosto.

Imagem 13: Vinicius Júnior é agredido dentro de campo



Reprodução: ESPN (2023).

Após revisão do árbitro de vídeo, Vinicius foi expulso de campo, enquanto o seu agressor permaneceu na partida. Inconformado, o brasileiro saiu de campo aplaudindo e fazendo um sinal de “dois” com as mãos, em referência ao risco de rebaixamento do clube rival. Esse gesto desencadeou uma reação de integrantes da comissão técnica e jogadores do Valencia, que se dirigiram ao jogador brasileiro com intenção de agredi-lo. O atacante precisou ser escoltado por outros colegas do Real Madrid para sair em segurança do local. Em nota oficial, La Liga declarou que iria investigar os “incidentes” e solicitou todas as imagens disponíveis para as investigações (ESPN, 2023, p. de internet).

Já o Valencia emitiu um comunicado em condenação a “qualquer tipo de insulto, ataque no futebol”, além de afirmar ser contrário à violência física e verbal nos estádios. No entanto, seguindo a mesma tendência de mascarar e negligenciar o preconceito racial implícito na cultura do esporte, o clube classificou o ocorrido como um “episódio isolado” e, na sequência, pediu “respeito máximo à sua torcida”. Em contrapartida, durante a entrevista coletiva após o jogo, Carlo Ancelotti, treinador do Real Madrid, se recusou a falar sobre qualquer outro assunto que não fosse o episódio de racismo contra o atacante brasileiro²⁶.

Imagem 14: Vini Jr. é escoltado para fora do campo em partida contra Valencia



Reprodução: Globo Esporte (2023).

²⁶ Entrevista disponível na íntegra em: <https://youtube.com/watch?v=udwyXOGwe1c>.

Durante a entrevista, Ancelotti destacou que nunca havia passado, anteriormente, por uma experiência semelhante, com um estádio inteiro proferindo xingamentos racistas a um jogador. Quando questionado sobre ter cogitado tirar Vinicius do jogo, o técnico confessou ter conversado com o atleta sobre, porém, que não considerava justo pois o brasileiro não havia feito nada que justificasse uma substituição – como jogar mal ou desgaste físico – e, que em todo o caso, acredita que a partida deveria ter sido suspensa. Ainda, criticou a postura de La Liga sobre a falta de punição aos agressores em casos passados, e reafirmou seu apoio pessoal, do clube e demais companheiros de Real Madrid, com o atacante.

Ao final da coletiva, as duas últimas perguntas feitas ao treinador merengue se destacaram negativamente. Primeiro, um jornalista, que não se identificou, questionou Ancelotti sobre ele e outras pessoas próximas ao atleta não conversarem sobre o comportamento “provocador” – que inclui gestos como apontar para o símbolo de campeão mundial no uniforme do Real Madrid a jogadores de clubes rivais – e sua reação agressiva aos ataques sofridos dentro de campo. O técnico afirmou que Vinicius é jovem, e que, por esse motivo, sua reação é justificada, e que tem amadurecido para lidar com esse tipo de ocorrência.

A segunda pergunta, já ao final da entrevista, foi feita por um repórter da Rádio Marca (veículo pertencente ao mesmo grupo do periódico impresso). O jornalista indagou o técnico do Real Madrid se ele não estaria generalizando a torcida do Valencia ao chamar um “ambiente com mais de 46 mil pessoas de um lugar racista”, e questionou se não houve uma falta de compreensão da língua – já que o treinador é italiano, e não espanhol – uma vez que a torcida gritava “tonto”, e não “mono”, sendo o jornalista. A entrevista deu-se por encerrada após Ancelotti afirmar que “a arbitragem não teria iniciado o protocolo contra o racismo se, de fato, a torcida tivesse gritado ‘tonto’”.

Com o final das entrevistas, enquanto a delegação do Real Madrid saiu em retirada do estádio, Vinicius Jr. parou para atender alguns fãs quando foi abordado por outro repórter. Em vídeo, o jornalista, também não identificado, perguntou se o jogador não iria se desculpar com a torcida do Valencia pelo gesto feito durante sua saída de campo. Em resposta, o brasileiro perguntou se o repórter era idiota e acompanhou seus demais companheiros de clube até o ônibus da delegação.

Em ambas as situações, durante a entrevista com Ancelotti e no contato com Vinicius na saída do estádio, o discurso de negação e subversão do racismo estão presentes. Questões que buscam desvincular o jogador da posição de vítima e o posicionam como responsável pela

violência sofrida reflete a institucionalização do racismo no futebol e na cultura espanhola, que não somente aceita discursos e atos racistas como considera ofensas de cunho racial como meras “provocações”. Além disso, dentro de campo, este tipo de enunciado busca justificar e resguardar a ocorrência e repetição de comportamentos preconceituosos.

A negligência, ainda, se fez presente, na repercussão dos principais jornais espanhóis no dia seguinte. Na edição de 22 de maio de 2023, a capa do jornal Marca deu maior destaque à conquista do campeonato de basquete do time do Real Madrid, enquanto os ataques racistas vivenciados por Vinicius Jr. receberam uma pequena menção, junto a outros resultados de jogos do final de semana. Na mesma linha, o AS, jornal catalão, deu destaque à conquista do basquete do RM, enquanto uma pequena chamada sobre o jogo de futebol do clube contra o Valencia afirmava que “o brasileiro exigiu que um torcedor fosse expulso por um gesto racista”. Já o periódico Super Deporte, apoiou a narrativa de Vinicius como um jogador “provocador” e, por consequência, responsável pelas agressões vividas; além de chamar o técnico do Real Madrid, Carlo Ancelotti, de mentiroso por suas declarações durante a entrevista coletiva.

Tal qual as táticas dos *spin doctors*, a subversão dos fatos se fez presente no discurso dos jornalistas que representavam os principais veículos de comunicação esportivos da Espanha. Ao negar o preconceito e a violência ocorrida, de maneira consciente ou não, o interlocutor busca se eximir de uma responsabilidade e transmiti-la outra pessoa – neste caso, busca-se a quebra de uma generalização de que “toda a Espanha é racista” para “alguns torcedores, os ali presentes, são racistas”. Este tipo de tática é chamado, dentro da psicanálise, antropologia e sociologia, de *gaslighting* racial, tipo de discurso que, em linhas gerais, objetiva convencer a vítima de um tipo de violência motivada pelo preconceito racial, de que ela está errada (Irigaray; Stocker; Mancebo, 2022).

Amenizar ou não reconhecer a existência de um tipo de violência é a clara manifestação de que há, pelo menos na bolha a qual estes jornalistas, veículos e formadores de opinião estão inseridos, uma institucionalização do racismo. Essa falta de reconhecimento é o que acaba por legitimar que a perseguição, os insultos e os xingamentos continuem nos estádios, na internet e na opinião pública. Por ser considerado como “natural”, o racismo irá seguir presente e influenciando as relações sociais dentro desta comunidade.

Como constatado por Silvio de Almeida (2019, p. 48):

Em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as instituições que não tratem de maneira ativa e como um problema a

desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como “normais” em toda a sociedade.

Desta maneira, é evidente a necessidade da criação e divulgação de narrativas combativas a estes posicionamentos. Narrativas que sejam combativas ao preconceito racial e que incentivem a reflexão sobre este assunto.

Imagem 15: Basquete ganha destaque em jornal Marca, da Espanha



Reprodução: Marca (2023).

Imagem 16: AS, da Catalunha, afirma que Vini Jr. exigiu a expulsão de torcedor por gesto racista



Reprodução: AS – Espanha (2023).

Imagem 17: Capa do Super Deporte coloca Vini Jr. como culpado de racismo



Reprodução: Super Deporte (2023).

Como nos últimos casos, a imprensa brasileira noticiou o ocorrido com destaque nos principais veículos de comunicação do país. O Estado de São Paulo, por exemplo, repercutiu o episódio de violência na capa da edição impressa do periódico. O Globo, do Rio de Janeiro, também fez uma menção na capa do jornal diário.

Imagem 18: O Estado de São Paulo repercute episódio de racismo de Vinicius Jr. em jogo contra o Valencia



Reprodução: O Estado de São Paulo (2023).

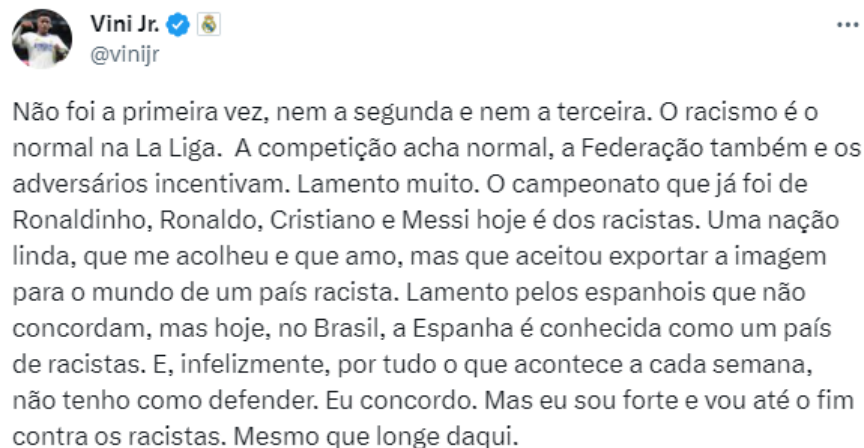
Imagem 19: O Globo dá destaque ao caso de racismo sofrido por Vini Jr. contra o Valencia



Reprodução: O Globo (2023).

Além da repercussão das mídias tradicionais, foi na internet que o assunto ganhou maior visibilidade. Logo após o acontecimento, Vinicius Júnior se pronunciou em suas redes sociais afirmando que iria “até o fim contra os racistas”, mesmo que para isso devesse deixar a Espanha.

Imagem 20: Vini Jr. cogita possibilidade de sair da Espanha

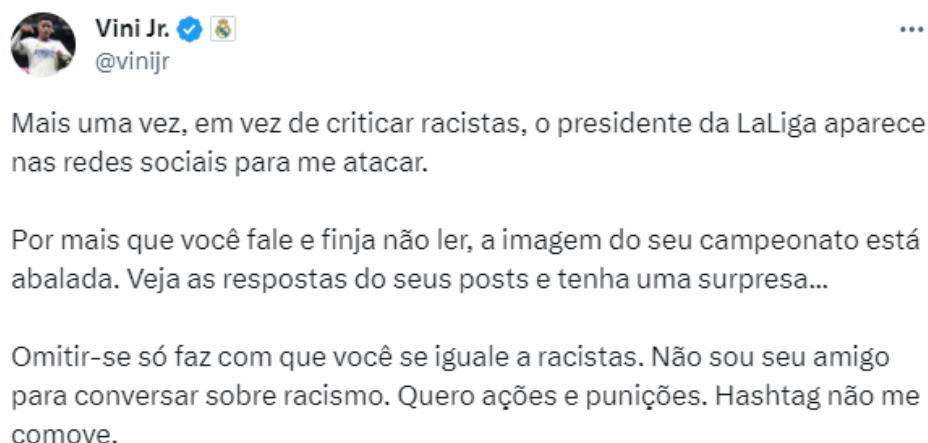


Reprodução: Twitter – @vinijr (2023).

Em resposta ao jogador, Javier Tebas, presidente de La Liga, se pronunciou em suas redes sociais, alegando que tentou conversar com o atleta sobre os casos de racismo, mas o

mesmo nunca compareceu e que não se informou direito antes de criticar a Instituição²⁷. Após essa publicação, Vinicius voltou às redes sociais para cobrar ações punitivas aos criminosos, enquanto o presidente da Liga de Futebol Espanhol afirma que o racismo contra o jogador é um “caso isolado”.

Imagem 21: Vinicius Júnior responde presidente de La Liga

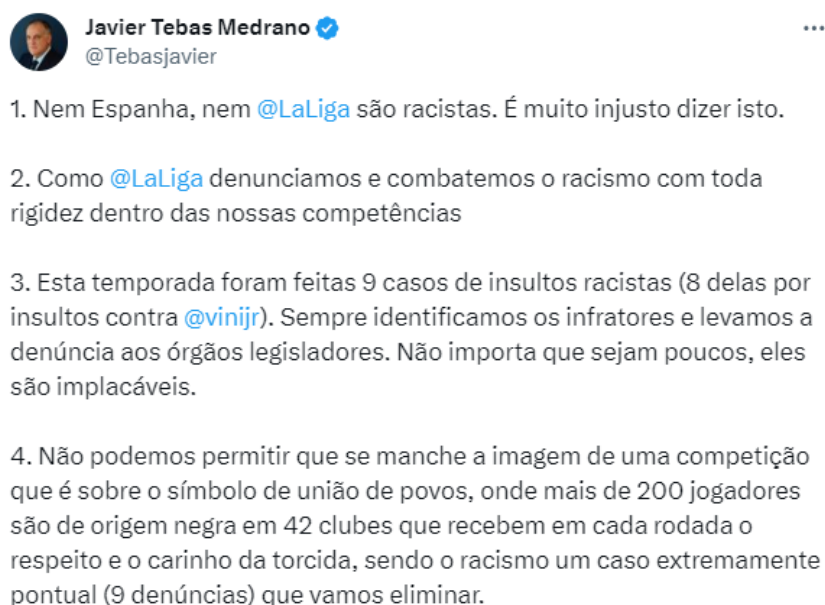


Reprodução: Twitter – @vinijr (2023).

Caso isolado ou não, o fato é que a visibilidade de Vinicius Júnior e seu enfrentamento a violência nos estádios contribuem significativamente para a discussão sobre o racismo em todo o mundo, não apenas no futebol, mas nas culturas mundo à fora que institucionalizaram o preconceito racial. Além das respostas em campo, o ativismo do jogador brasileiro, aliado ao apoio de seus admiradores e opinião pública, tem possibilitado mudanças em toda a estrutura do espetáculo do futebol e nas narrativas em volta do esporte. Essas transformações, por exemplo, começaram pela modificação da narrativa adotada pela imprensa espanhola que, assustada com a possibilidade do jogador em sair do Real Madrid e, por consequência passar ao mundo a imagem de um país racista e retrógrado, passou a dar maior destaque aos episódios de racismo sofrido pelo atleta.

²⁷ Publicação disponível em: <https://twitter.com/Tebasjavier/status/1660393419963809793>.

Imagem 22: Presidente de La Liga afirma que racismo contra Vinicius Júnior é caso isolado



Reprodução: Twitter – @Tebasjavier (2023).

Josep Pedrerol, apresentador do *El Chiringuito* – programa televisivo que, anteriormente, já havia realizado duras críticas e menções racistas a Vinicius Júnior – durante a transmissão de 22 de maio de 2023, mudou totalmente o discurso antes empregado. Dessa vez, afirmou que “[...] temos que denunciar o racismo sempre. Todos nós. Mas [ele, Vinicius Jr.] tem que sair da Espanha? Estamos realmente passando essa mensagem? Que não se pode jogar na Espanha, que não pode ser um jogador negro, jogar e ser feliz na Espanha?”²⁸. Após essa declaração, no entanto, os comentaristas do programa buscaram justificativas para uma eventual saída do jogador da Liga Espanhola, e assumiram que a responsabilidade seria da equipe que trabalha com Vinicius, por “influenciar” uma ida a Premier League, da Inglaterra.

O mesmo comportamento pode ser observado no jornal *Marca* que, em sua edição de 23 de maio de 2023, um dia após dar maior destaque à comemoração do time de basquete madrileno em detrimento à violência sofrida por Vinicius Júnior, publicou em sua capa um texto em repúdio aos episódios de racismo sofridos pelo atleta. “Não é suficiente não ser racista, é preciso ser antirracista”, trouxe o jornal.

²⁸ Trecho do programa disponível a partir de 00’34”: <https://www.youtube.com/watch?v=Ap2hOb6SMpk>.

Imagem 23: Jornal Marca muda discurso sobre ataques racistas sofridos por Vinicius Júnior



Reprodução: Marca (2023).

O El País, destacou na capa da edição impressa de 23 de maio de 2023 que “os insultos a Vinicius põem o foco na tolerância ao racismo” e uma charge crítica à aceitação de imigrantes no país, que aceita receber apenas aqueles que “jogam bem futebol”. Além disso, artigos e matérias da edição dão destaque exclusivo aos episódios de racismo sofridos por Vinicius Júnior durante a temporada do campeonato espanhol entre 2022 e 2023. A mudança no tom do veículo busca realizar uma reflexão, não apenas sobre o comportamento de torcedores e clubes de futebol, mas às relações raciais no país como um todo.

O jornal Mundo Deportivo também seguiu a tendência dos demais veículos e ilustrou, em sua edição diária, uma foto de Vinicius Júnior durante o jogo contra o Valencia com os dizeres “Basta já”, em referência aos insultos racistas sofridos pelo jogador durante a partida. Apesar de tardia, essa mudança de posicionamento dos veículos de comunicação da Espanha demonstram o impacto que o atleta tem representado para a construção de novas narrativas no esporte, bem como a associação de sua imagem a um “símbolo” de luta e enfrentamento ao racismo na sociedade.

Imagem 24: El País se posiciona contra o racismo sofrido por Vinicius Júnior



Reprodução: El País – Espanha (2023).

Imagem 25: Mundo Deportivo se posiciona contra o racismo sofrido por Vinicius Júnior



Reprodução: Mundo Deportivo – Espanha (2023).

4.2 Vinicius Júnior e as novas narrativas no futebol

As consequências do posicionamento do jogador são inúmeras e inegáveis, porém, inicialmente, é importante compreender o porquê estas foram necessárias. Assim como afirmou Tebas em sua última publicação sobre os acontecimentos da partida entre Valencia e Real Madrid em maio de 2023, há cerca de 200 outros jogadores negros em atividade em La Liga. Por que, então, Vinicius Júnior é o principal alvo?

Como visto anteriormente, o jogador desde cedo conviveu com o preconceito racial em sua carreira e apresentou respostas em campo, de maneira madura. Por “nunca ter sido menino”, suas reações sempre comedidas, são acompanhadas de responsabilidade e de apelo às autoridades para que as medidas necessárias fossem tomadas. Foi assim no Brasil, quando sofreu racismo nos estádios contra o Botafogo e Atlético Paranaense, e quando foi alvo de insultos racistas ao tirar fotos com uma torcedora. Somado ao seu sucesso, a chegada à Espanha tornou esses ataques mais críticos.

Além de Vinicius, outros jogadores negros compõem o elenco do Real Madrid, como é o caso dos também brasileiros e companheiros de seleção do atacante Rodrygo Goes e Éder Militão, além dos franceses Camavinga e Tchouaméni, o alemão Rüdiger e o inglês Bellingham. Fora a cor da pele e as performances de alto nível pelo clube e suas respectivas seleções, Vini Jr. se diferencia do plantel pela sua rápida ascensão a um *status* de popularidade mundial. Graças a seu talento e atuação, em 2022, o atacante foi eleito o melhor jogador do Mundial de Clubes da FIFA, além de ser considerado um dos principais jogadores da seleção brasileira na edição da Copa do Mundo daquele mesmo ano.

Com sua crescente popularidade e importância para o clube, não demorou para que Vinicius Júnior se tornasse o principal rosto de uma nova geração dos merengues e uma promessa para a seleção canarinha. Por si só, ser o astro principal do maior clube do mundo e um dos rostos mais importantes da seleção mais vitoriosa do planeta, acarreta visibilidade e responsabilidades grandiosas demais a qualquer jogador. E com Vinicius, não seria diferente.

Essa exposição, somada ao preconceito, explicam, em partes, o motivo das perseguições que o atacante sofre recorrentemente nas disputas de La Liga.

Imagem 26: Vinicius Júnior é eleito melhor jogador do Mundial de Clubes da FIFA em 2022



Reprodução: Instagram – @vinijr (2022).

Outro fator bastante significativo na disseminação do racismo contra o jogador é a percepção da opinião pública, sobretudo a influência da imprensa e mídias tradicionais como “cúmplices” dos crimes de preconceito racial. Anos antes da ascensão de Vinicius Júnior a posição de destaque no futebol mundial, jogadores sul-americanos em atividade na Europa já eram criticados por suas danças em comemorações de gol, como aconteceu com Neymar, tido como imaturo na época em que jogou pelo Barcelona, na Espanha, e no Paris Saint-Germain (PSG), na França. Ao contrário do ex-jogador do time da Catalunha, as danças de Vinicius tornaram-se um disfarce para o preconceito racial de formadores de opinião que, motivados por esse pensamento, as caracterizaram como “provocações” aos adversários, majoritariamente europeus.

A naturalização desse tipo de discurso nos principais veículos de comunicação do país dá aval para a repetição de comportamentos não apenas racistas como xenofóbicos, uma reafirmação da herança deixada por um passado colonizador que definiu a história e a cultura da Espanha por séculos. A escolha por ocultar fatos, assim como na atuação dos *spin-doctors*,

e omitir informações sobre uma violência é uma evidência da manutenção do racismo na sociedade espanhola e um eco da hierarquia, antes posta, das origens segregacionistas do esporte.

Essa postura exemplifica como o racismo é encarado nos diferentes países e culturas. Enquanto no Brasil há certa maturidade sobre a discussão do racismo no futebol, impulsionado por casos recorrentes ao longo de sua história recente, no continente europeu, há uma certa negligência dos espanhóis com a abordagem do tema, uma vez que formadores de opinião, parte da imprensa e até mesmo jogadores, dirigentes de clubes e da Liga, que ao invés de reconhecer e colocar a pauta em discussão, negam a existência do preconceito – o que, de fato, não os isenta de tê-lo. A postura combativa de Vinicius é responsável por iniciar e fomentar o debate dentro da sociedade, que passa a ser pressionada por novas posições, novas realidades narrativas.

Ainda, o engajamento do atleta com a causa reforça a sua imagem como um símbolo de representatividade e de luta pela garantia dos direitos de pessoas negras. A força de sua imagem ao mesmo tempo é reforçada a medida em que gera transformações significativas para o cenário: a PUMA e o Santander, marcas patrocinadoras da La Liga manifestaram-se contra o racismo (G1, 2023, p. de internet) após o jogo entre Valencia e Real Madrid, em 21 de maio de 2023. O banco, ainda, afirmou as suas subsidiárias em todo o mundo que não irá renovar o patrocínio com a entidade enquanto medidas mais severas contra o racismo no campeonato não fossem adotadas (Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e Região, 2023, p. de internet):

“Esperamos que essa postura estimule outros patrocinadores a rever também os seus patrocínios à La Liga. É preciso pressão e atingir as fontes de financiamentos de quaisquer instituições que se omitam ou permitam o racismo”, afirma Lucimara Malaquias, coordenadora da Comissão Executiva dos Empregados do Santander e diretora executiva do Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e Região.

Independentemente dos interesses econômicos ou possíveis impactos reputacionais por trás das manifestações das marcas, este tipo de posicionamento acaba por reforçar a construção imagética de Vinicius como um forte símbolo antirracista, além de reafirmar a atuação do jogador como um ator político e protagonista de uma nova forma de se consumir o futebol. Outras medidas, para além da remoção de patrocínios, foram adotadas no meio esportivo como, por exemplo, a criação do sistema LALIGA VS RACISM, plataforma criada pela Instituição visando facilitar denúncias de preconceito racial e violência em toda a competição (La Liga, 2023, p. de internet).

Não somente na Espanha houve consequências: no Brasil, em junho de 2023, foi sancionada a Lei 10.053/2023 no Rio de Janeiro, apelidada de “Lei Vini Jr.” que combate o racismo no futebol, e o Protocolo de Combate ao Racismo que, por meio deste, qualquer cidadão pode informar e denunciar ocorrências de racismo nos estádios (Cardoso, Agência Brasil de Comunicação, 2023, p. de internet).

Imagem 27: Vini Jr. é homenageado durante sanção de Lei com o seu nome



Reprodução: Agência Brasil (2023).

As consequências da influência e voz do atleta para a pauta seguiram, e seguem, dando resultados. Durante a oitava rodada do Campeonato Brasileiro de 2023, todas dez partidas da semana contaram com as ações propostas pela CBF – jogadores entraram em campo vestindo camisas com a mensagem “com racismo não tem jogo”, e a mesma frase esteve presente nas faixas de capitães, moedas da arbitragem e bolas. Além disso, os jogadores mantiveram-se sentados por 30 segundos no gramado após o início da partida, em apoio à causa (Confederação Brasileira de Futebol, 2023, p. de internet). Segundo a CBF, os jogos tiveram média acima de 30 mil pagantes por jogo, tendo uma das maiores visibilidades do campeonato.

O apoio recebido e a visibilidade da campanha da CBF e demais ações ao redor do mundo, não apenas no Brasil ou Espanha, são fundamentais para que a pauta seja debatida de maneira recorrente e que se enfrente o preconceito.

Imagem 28: Oitava rodada do Brasileirão recebe campanha #COMRACISMO NÃO TEM JOGO



Reprodução: Ludopédio (2023).

Inspirado na filosofia de Martin Luther King (Fundação Palmares, 2023, p. de internet), a união faz a força no combate ao racismo: somente com esforços conjuntos entre as instituições, organizações, formadores de opinião e o engajamento da sociedade é que a realidade narrativa do futebol que, durante muito tempo aceitou e se eximiu da responsabilidade de enfrentar o racismo, será transformada. Em entrevista ao jornal francês L'Equipe, em outubro de 2023, o atleta destacou a importância de pessoas públicas e autoridades abordarem o assunto, como o presidente da União das Federações Europeias de Futebol (UEFA), Aleksander Ceferin, os jogadores Kylian Mbappé (do PSG), Neymar Júnior (atualmente jogador do Al Hilal) e Rio Ferdinand (ex-zagueiro do Manchester United) que, pela soma de suas vozes e relevância, contribuem para que as reivindicações tenham mais peso e que punições mais severas e consistentes sejam aplicadas aos clubes e torcedores que cometam ou omitam atos preconceituosos: “Se eu for o único contra o racismo, o sistema vai me esmagar com facilidade”, afirmou Vinicius (L'Equipe, 2023, p. de internet).

Essa responsabilidade faz diferença para o esporte, sua importância dentro de campo e o seu papel de transformação fora dele. No entanto, de volta às quatro linhas e aos gramados, a relevância de Vinicius Júnior em campo e suas conquistas com o Real Madrid garantiram uma maior visibilidade de seu talento e, por consequência, de sua luta. No segundo semestre de 2023, o clube anunciou que Vinicius receberia a camisa de número 7, anteriormente destinada a grandes ídolos merengues, como Raul e Cristiano Ronaldo. Já na Seleção, Vinicius recebeu a

camisa 10, devido à ausência de Neymar, durante os amistosos contra Guiné e Senegal, no qual a seleção vestiu-se de preto em metade do jogo, em apoio a causa antirracista.

Essas medidas demonstram o interesse das instituições em explorarem a imagem de Vini Jr. como seu principal jogador no atual momento e o projetando para o futuro, além de aproveitar de sua relevância para cativar ainda mais novos torcedores que, ao conhecerem o atleta, poderão se identificar e admirar seu talento e luta.

Imagem 29: Vinicius Júnior recebe a camisa 7 do Real Madrid.



Reprodução: Instagram – @vinijr (2023A).

Imagem 30: Vinicius Júnior recebe a camisa 10 da seleção brasileira



Reprodução: Instagram – @vinijr (2023B).

Por fim, às contribuições de Vinicius na luta antirracista também estão presentes no trabalho do instituto que leva o seu nome. O Instituto Vini Jr. (IVJr) é uma Organização Não Governamental fundada pelo atleta em 2021, em São Gonçalo, no Rio de Janeiro e que apoia escolas públicas na construção de novos modelos de ensino, utilizando de tecnologia aliada ao esporte (Nossa Missão, Instituto Vini Jr, 2023, p. de internet). Desde fevereiro de 2023, O IVJr aplica a educação antirracista a centenas de crianças, alunos da rede pública de ensino do Rio de Janeiro atendidas pelo programa (Braz, Siqueira, Sá, UOL, 2023, p. de internet).

Por meio do Instituto, ainda, são realizadas as Oficinas de Educação Antirracista, capacitações para docentes, focadas em práticas pedagógicas de enfrentamento ao preconceito racial, visando a criação de um ambiente escolar ainda mais empoderado e consciente (Educação Antirracismo, Instituto Vini Jr, 2023, p. de internet). As ações também incluem o lançamento e divulgação do Manual de Educação Antirracista, que será distribuído para escolas de todo o Brasil a partir de 2024 (Instituto Vini Jr., LinkedIn, 2023, p. de internet).

Esses esforços e a atuação política do atleta culminaram no recebimento do Prêmio Sócrates, como principal iniciativa social entre jogadores e jogadoras do futebol no mundo, durante a premiação da Bola de Ouro, em 30 de outubro de 2023.

Imagem 31: Vinicius Júnior recebe o Prêmio Sócrates 2023



Reprodução: Instagram – @cbf_futebol (2023).

Mais que uma honraria cedida ao atleta, a premiação o consagra como um ídolo para uma geração de torcedores e porta-voz de uma bandeira: a reivindicação dos direitos das pessoas negras no esporte. A conquista deste espaço, simbolicamente, é o resultado da consolidação de imagem construída em cima da figura do jogador, esse, além de atleta, um agente político e protagonista da pauta antirracista no futebol. Seu impacto significativo é o responsável por cocriar uma nova realidade narrativa que configura mudanças na forma como o esporte é consumido e difundido ao redor do mundo, por países e culturas diferentes.

Muito além do jogo com a bola nos pés, o espetáculo do futebol evidencia o diferente, a diversidade e a possibilidade de convívio harmônico entre pessoas de localidades, culturas e etnias diferentes. O prêmio Sócrates é um avanço e constitui-se apenas de uma vitória na carreira do jogador nessa longa competição que é o enfrentamento aos preconceitos e a luta por um mundo cada vez mais inclusivo e equitativo.

CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS

A presente monografia teve como objetivo identificar e analisar as narrativas criadas pela imprensa espanhola e brasileira envolta da imagem de Vinícius Júnior durante, e após, os casos de racismo vividos pelo atleta em meio a temporada 2022-2023 do campeonato espanhol. Para tal, foi utilizada uma base teórica de pensadores e autores das áreas de Relações Públicas e Ciências Sociais para melhor fundamentação acerca dos conceitos de narrativas, racismo e imagem; bem como o uso de materiais de imprensa e conteúdo de redes sociais para uma investigação da origem e motivação dessas narrativas e seus potenciais impactos. A partir desses direcionamentos, foi possível identificar e compreender a existência de duas principais narrativas sobre a imagem do atleta.

A primeira, predominante na imprensa espanhola, se apoia no uso de táticas de *spin-doctor* e busca minimizar a relevância e, em alguns momentos, até mesmo omitir a ocorrência dos casos de racismo realizados contra Vinicius Júnior. Por anos, a história do futebol foi marcada por uma forte hierarquização e o privilégio de poder jogar, e assistir, o esporte era destinado a poucos. Essa herança das origens do futebol ecoa na maneira como algumas sociedades encaram a prática esportiva na contemporaneidade e, no caso da Espanha, se mistura com discursos dúbios partilhados por jogadores, clubes, instituições e mídia local.

Os insultos e ameaças vivenciados por Vinicius Jr. dentro, e fora, dos estádios é um reflexo do racismo institucionalizado na sociedade espanhola que, quando confrontada, busca se eximir da responsabilidade por estes atos. Ao buscar atitudes para responsabilizar a vítima por ter sofrido uma violência – como categorizar o jogador como “provocador” por comemorar seus gols dançando – os autores destes atos buscam diminuir, perante a opinião pública, a relevância de uma pauta social e a ocorrência de um crime. O mesmo pode ser observado nos insultos, como comparar o jogador com um macaco, e demais atitudes que direta ou indiretamente negam a humanidade dele e legitimam a repetição dos preconceitos, uma vez que não há punições severas a estes responsáveis.

A falta de destaque devido às ocorrências de preconceito racial e às ameaças é uma tentativa falha de falsear os fatos e criar uma narrativa em cima de uma realidade a qual há pouco, ou até mesmo a inexistência, de racismo na sociedade espanhola. A omissão destes acontecimentos, no entanto, não significa que não tenham ocorrido. Essa narrativa utópica é motivada essencialmente pela falta de maturidade na discussão acerca da pauta racial nesta

sociedade que, por naturalizar o preconceito durante séculos, passa a não o compreender como um fator nocivo.

Este posicionamento busca inviabilizar a história e a memória da presença da população negra no esporte, além de minimizar a importância de sua luta por condições mais equitativas neste ambiente e meio social como um todo. Apesar disso, a própria existência de Vinicius Júnior e a sua visibilidade, como principal jogador do maior clube e seleção do mundo, são elementos que permitem a discussão sobre a existência e a replicação de comportamentos racistas na sociedade espanhola. Entretanto, de maneira quase paradoxal, essa realidade narrativa acaba por desencadear outra, de caráter positivo: o atleta como um símbolo da luta antirracista.

Por sua vez, a segunda narrativa em questão é uma consequência direta da primeira. Em uma breve comparação, ao noticiar de maneira responsável os ataques ao jogador, sem omissão de informações ou falseamento de fatos, a imprensa brasileira pauta a discussão sobre o racismo, não apenas no futebol, como em diversos outros âmbitos. Essa maturidade – desenvolvida ao longo de anos de discussão do “mito da democracia racial” em solo brasileiro, como a presença de Pelé e tantos outros atletas que motivaram essa discussão – em paralelo à Espanha, somado ao apoio que Vini Jr., possui por parte da opinião pública, favorecem o surgimento de uma nova narrativa no esporte, essa que não admite a existência do preconceito racial e que tão pouco se contenta com reações vazias ao mesmo. A visibilidade e popularidade de jogador demonstraram-se como fundamentais para a garantir a comoção de demais atletas, formadores de opinião e veículos de mídia, autoridades esportivas e instituições responsáveis por cobrar ou até mesmo realizar ações de enfrentamento à discriminação racial em diversas instâncias.

A postura combativa e o engajamento de Vinicius, bem como o compartilhamento da narrativa que busca deslegitimá-lo, somente reforça a presença e a imagem do atacante como um símbolo de resiliência. Hoje, se o nome de Vinicius Jr. se tornou sinônimo de luta contra o racismo – especialmente visto nas ações diversas realizadas por seu Instituto – foi em decorrência da insistência de seus agressores em tentar tirá-lo deste *status* de visibilidade por meio de ofensas e provocações. A decisão de grandes instituições do meio esportivo, como o Real Madrid e a CBF, em tornar o jogador o principal astro de suas marcas, o apoiando e incentivando sua ascensão, é uma aposta de que a realidade narrativa protagonizada por ele seguirá inspirando e cativando torcedores ao redor de todo o mundo.

Ao que parece, a causa de Vinicius é apenas um pontapé inicial para mudanças significativas acontecerem na estrutura deste esporte que, durante muito tempo, foi para poucos. Mesmo com estes avanços, é válido ressaltar que essa nova realidade narrativa ainda está amadurecendo e enfrenta desafios contantes diariamente. Assim como o mundo voltou suas atenções a Vini Jr. e buscou contar a sua história, é importante que essas mídias, comunicadores de maneira geral e formadores de opinião possam se atentar a outras narrativas que estão sendo criadas no futebol. Que este exemplo sirva de inspiração para se garantir a continuidade da luta antirracista, bem como uma maior valorização do futebol feminino, o futebol disputado por pessoas com deficiência ou que demais grupos minorizados, como a membros da LGBTQIAP+ e grupos étnicos diversos não sofram mais represarias ao praticarem o esporte.

Para que outras histórias, tão relevantes quanto, possam ser contadas, basta que os muitos “Vinicius”, ao redor do mundo, sigam bailando, como Vini Jr. bailou nos gramados europeus.

REFERÊNCIAS

A ladainha da democracia racial. Realização: Lili Schwarcz. São Paulo: UZMK Conteúdo, 2018. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=KIZErDa1jIc>>. Acesso em 29 de agosto de 2023 às 00h53.

ACCIOLI, N. T.; FERNANDEZ, R.; “Considerações sobre a escravidão: Lilia Schwarcz e Flávio Gomes”. **Revista Z Cultural** [Programa Avançado de Cultura Contemporânea da Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro]. Disponível em <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/consideracoes-sobre-a-escravidao-lilia-schwarcz-e-flavio-gomes/>>. Acesso em 20 de agosto de 2023 às 15h59.

AGÊNCIA SENADO. **1º Censo do Brasil, feito há 150 anos, contou 1,5 milhão de escravizados.** Senado Federal, 2022. Disponível em <<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/1o-censo-do-brasil-feito-ha-150-anos-contou-1-5-milhao-de-escravizados>>. Acesso em 20 de agosto de 2023 às 20h24.

AGÊNCIA SENADO. **Negros representam 56% da população brasileira, mas representatividade em cargos de decisão é baixa.** Senado Federal, 2020. Disponível em <<https://www12.senado.leg.br/noticias/videos/2020/08/negros-representam-56-da-populacao-brasileira-mas-representatividade-em-cargos-de-decisao-e-baixa>>. Acesso em 20 de agosto de 2023 às 18h17.

ALMEIDA, S. L.; **Racismo estrutural.** São Paulo, Editora Pólen, 2019.

ANDRADE, C.T.S. **Curso de relações públicas:** relações com diferentes públicos. São Paulo, Pioneira Thomson Learning, 200

ARANHA, L. **O mercado demanda um profissional de comunicação polivalente.** ABERJE, 2016. Disponível em <<https://www.aberje.com.br/coluna/o-mercado-demanda-um-profissional-de-comunicacao-polivalente>>. Acesso em 23 de setembro de 2023 às 23h00.

ARAÚJO, M. P.; DA SILVA, I. P.; SANTOS, D. R. **Ditadura militar e democracia no Brasil:** história, imagem e testemunho. Editora Ponteio, Rio de Janeiro, 2013.

ARENDT, H. **Sobre a violência.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2011.

ARTHUR WHARTON FOUNDATION. **Arthur’s Story.** 2023A ©. Disponível em <<https://arthurwhartonfoundation.org/the-story/>>. Acesso em 25 de agosto de 2023 às 09h54.

ARTHUR WHARTON FOUNDATION. **Background and Aims.** 2023B ©. Disponível em <https://arthurwhartonfoundation.org/background-and-aims/>, acesso em 25 de agosto de 2023 às 21h48.

AS. Capa. Jornal As (Espanha), Catalunha, 22 de março de 2023.

ASSAD, Lydia Gomes. **QUEM SÃO OS SPIN DOCTORS NO BRASIL:** perfis, técnicas e práticas. Orientador: Prof. Dr. Wladimir Ganzelevitch Gramacho. 2017. 36 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado) – Jornalismo, Departamento de Jornalismo, Universidade

de Brasília (UnB), Brasília. 2017. Disponível em <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/19891/1/2017_LydiaGomesAssad.pdf>. Acesso em 30 de setembro de 2023 às 13h56.

Associação Brasileira de Relações Públicas – ABRP. **Sobre**. 2023©. Disponível em <<https://www.linkedin.com/company/abrpnacional/?originalSubdomain=br>>. Acesso em 23 de setembro de 2023 às 23h34.

BANGU. **História**. 2023©. Disponível em <<https://www.bangu-ac.com.br/bangu/sua-historia/>>. Acesso em 27 de agosto de 2023 às 13h45.

BARBOSA, N. P. “RAÇA, FUTEBOL E IDENTIDADE NACIONAL: Disputas e atualizações da memória em torno das narrativas biográficas de Pelé”. Revista Escritas do Tempo – v.2, nº4, mar-jun/2020 – p. 133-159. Disponível em <<https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/escritasdotempo/article/view/1221>>. Acesso em 12 de agosto de 2023 às 10h09.

BARROS, E. J. Mestre Teobaldo: soldado sem botas das Relações Públicas. **Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, nº 42, p. 65-79, 2º semestre de 2004. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/4067/3884>>. Acesso em 23 de setembro de 2023 às 22h56.

BBC News United Kingdom. **Jack Leslie: Cap for first black player picked for England**. Disponível em <<https://www.bbc.com/news/uk-england-devon-65085553>>. Acesso em 25 de agosto de 2023 às 22h22.

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Ijuí, Editora Unijuí, 2005.

BRASIL, Decreto nº 63.283, de 26 de setembro de 1968. Aprova o Regulamento da Profissão de Relações Públicas de que trata a Lei nº 5.377, de 11 de dezembro de 1967. Brasília, DF: Decreto. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1950-1969/D63283.htm#:~:text=de%20Rela%C3%A7%C3%B5es%20P%C3%ABlicas-,Art.,ou%20assalariada%20de%20Rela%C3%A7%C3%B5es%20P%C3%ABlicas.>>. Acesso em 23 de setembro de 2023 às 23h23.

BRASIL, Lei nº 5.377, de 11 de dezembro de 1967. Disciplina a Profissão de Relações Públicas e dá outras providências. Brasília, DF: Legislação Informatizada, 1967. Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5377-11-dezembro-1967-359069-publicacaooriginal-1-pl.html#:~:text=Disciplina%20a%20Profiss%C3%A3o%20de%20Rela%C3%A7%C3%B5es%20P%C3%ABlicas%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%A2ncias.&text=dos%20que%20exer%C3%A7am%20a%20profiss%C3%A3o,Cap%C3%ADtulo%20IV%20da%20presente%20Lei.>>>. Acesso em 23 de setembro de 2023 às 23h22.

BRASIL, Lei nº 7.197, de 14 de junho de 1984. Institui o “Dia Nacional das Relações Públicas”. Brasília, DF: Constituição Federal, 1984. Disponível em

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15250.htm#:~:text=Art%20.,lei%2C%20pelos%20abusos%20que%20cometer>. Acesso em 23 de setembro de 2023 às 23h21.

BRAZ, B.; SIQUEIRA, I.; SÁ, L. Premiado, Instituto Vini Jr aplica ensino antirracista em escolas públicas. **UOL**, 2023. Disponível em <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2023/11/20/premiado-instituto-vini-jr-aplica-ensino-antirracista-em-escolas-publicas.htm>>. Acesso em 21 de novembro de 2023 às 21h21.

BUCCI, E. **Existe democracia sem verdade factual?** Editora Estação das Letras e Cores, São Paulo, 2019.

CAMBRIDGESHIRE COUNTRY FA, **About us: promoting local football – History**. 2007. Disponível em <<https://web.archive.org/web/20110708112713/http://www.cambridgeshirefa.com/AboutUs/History/>>. Acesso em 13 de agosto de 2023 às 20h27.

CARDOSO, R. Lei Vini Jr., que combate racismo nos estádios é sancionada no Rio. Agência Brasil de Comunicação. Disponível em <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-07/lei-vini-jr-que-combate-racismo-nos-estadios-e-sancionada-no-rio>>. Acesso em 2 de setembro de 2023 às 14h14.

CASA DO SABER. Pós verdade, fake news e fake ethics | Luis Mauro Sá Martino. 14 de agosto de 2018. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=WFzk12KPYvE&list=PLRvWPD_q8r1gDPAWXk5DHG9mhWDQdfKV2&index=1&t=9s>. Acesso em: 14 de setembro de 2022 às 23h38.

CBF – CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Sul-americano 1919: primeiro grande título da Seleção completa 100 anos**. 2019. Disponível em <<https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/noticias/selecao-masculina/sul-americano-1919-primeiro-titulo-da-selecao-completa-100-anos>> Acesso em 27 de agosto de 2023 às 22h57.

Cbf_futebol. O brasileiro @vinijr venceu o Prêmio Sócrates... 30 de outubro de 2023. **INSTAGRAM**. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CzCYCYAvF7J/>>. Acesso em 24 de novembro de 2023 às 14h17.

CHAVES, S. M. Formação do profissional de Relações Públicas. Revista do Serviço Público, [S. l.], v. 91, n. 1 - 3, p. 53-81, 2019. DOI: 10.21874/rsp.v91i1 - 3.4097. Disponível em: <https://revista.enap.gov.br/index.php/RSP/article/view/4097>. Acesso em: 23 setembro de 2023 às 23h30.

CNN Brasil. **Torcedores do Atlético de Madrid simulam enforcamento de Vinícius Júnior com boneco**. CNN Brasil, 2023. Disponível em <<https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/torcedores-do-atletico-de-madrid-simulam-enforcamento-de-vini-junior-com-boneco/>>. Acesso em 2 de setembro de 2023 às 11h54.

COBOS, P. **No Flamengo, no Real Madrid, na Copa do Mundo: Vinicius Jr. nunca foi o ‘menino Vini’**. ESPN, 2022. Disponível em

<https://www.espn.com.br/blogs/paulocobos/819479_no-flamengo-no-real-madrid-na-copa-do-mundo-vinicius-jr-nunca-foi-o-menino-vini>. Acesso em 29 de agosto de 2023 às 19h42.

Correio Braziliense. Capa. Correio Braziliense, Distrito Federal, 27 de janeiro de 2023.

Confederação Brasileira de Futebol. Brasileirão Assaí: 8ª rodada alcançou média acima de 30 mil pagantes por jogo. **Confederação Brasileira de Futebol**, 2023. Disponível em <<https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/campeonato-brasileiro-serie-a/brasileirao-assai-8a-rodada-alcancou-media-acima-de-30-mil-pagantes-p#:~:text=Atletas%20e%20arbitragem%20entraram%20em,o%20racismo%20n%C3%A3o%20tem%20jogo%22.&text=A%20nona%20rodada%20come%C3%A7a%20neste,de%20est%C3%A1dios%20lotados%20pelo%20Brasil>>. Acesso em 2 de setembro de 2023 às 13h14.

CONFERP - Conselho Federal de Relações Públicas. **O Conrerp**. 2023©. Disponível em <<https://www.conrerp1.org.br/o-conferp#:~:text=O%20Sistema%20Conferp%20%C3%A9%20uma,68.582%2C%20de%2004%20maio%201971.>>. Acesso em 23 de setembro de 2023 às 23h40.

Conselho Regional de Profissionais de Relações Públicas. **“História das Relações Públicas no Brasil – 1105 anos”, livro de Marcelo Ficher e Marcondes Neto**. Conselho Regional de Profissionais de Relações Públicas, 2023. Disponível em <<https://www.conrerp3.org.br/historia-das-relacoes-publicas-no-brasil-105-anos-livro-de-marcelo-ficher-e-marcondes-neto/#:~:text=Foi%20em%201914%20que%2C%20na,Dia%20Nacional%20das%20Rela%C3%A7%C3%B5es%20P%C3%ABlicas.>>. Acesso em 23 de setembro de 2023 às 23h04.

COSTA, L. M.; “Maracanazo, adeus? Da tragédia de 1950 a vergonha de 2014 nas narrativas da derrota da seleção brasileira na imprensa”. **Revista Tríade: comunicação, cultura e mídia**. [Sorocaba – São Paulo]. Junho de 2016, v. 4, nº 7, p. 126-149. Disponível em <<https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/2472>>.

DA COSTA, L. M. “Maracanazo, adeus? Da tragédia de 1950 a vergonha de 2014 nas narrativas da derrota da seleção brasileira na imprensa”. **Tríade: comunicação, cultura e mídia**. Universidade Federal Fluminense [Rio de Janeiro – RJ]. Junho de 2016. Disponível em <<https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/2472>>. Acesso em 12 de agosto de 2023 às 11h11.

DAVIS, A, Y. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo, editora Boitempo, 2016.

DE ALMEIDA, M. O. **Do amadorismo à profissionalização: de 1930 até hoje**. Ludopédio: <<https://ludopedio.org.br/arquibancada/do-amadorismo-a-profissionalizacao-de-1930-ate-hoje/#:~:text=A%20d%C3%A9cada%20de%201930%20marcou,a%20vida%20atrav%C3%A9s%20do%20futebol>>. Acesso em 28 de agosto de 2023 às 23h56.

DE SOUZA, J.; JÚNIOR, W. M. “Replicações da tese do dilema racial no âmbito das investigações socioculturais sobre futebol no Brasil”. *Revista Brasileira De Educação Física E*

Esporte, 34(4), 711-725. Disponível em <<https://doi.org/10.11606/1807-5509202000040711>>. Acesso em 12 de dezembro de 2023 às 23h19.

DIAS, M. **Botafogo repudia racismo a Vinicius Júnior e reforça ação com autoridades.** Folha de São Paulo, 2022. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2017/08/1910696-botafogo-repudia-racismo-a-vinicius-junior-e-reforca-acao-com-autoridades.shtml>>. Acesso em 29 de agosto de 2023 às 14h34.

EL PAÍS. Capa. El País (Espanha), Madrid, 27 de janeiro de 2023.

EL PAÍS. Portada de El País del 23 de mayo de 2023. **El País (Espanha)**, 2023. Disponível em <<https://elpais.com/hemeroteca/elpais/portadas/2023/05/23/>>. Acesso em 2 de setembro de 2023 às 14h14.

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. **Origens.** 2023 ©. Disponível em <<https://www.eca.usp.br/institucional/da-ecc-eca>>. Acesso em 23 de setembro de 2023 às 23h37.

ESPN. **Ministério Público da Espanha arquiva processo por cantos racistas a Vinicius Jr.: ‘Proferidos durante partida de máxima rivalidade’.** ESPN, 2023. Disponível em <https://www.espn.com.br/futebol/real-madrid/artigo/_/id/11313649/ministerio-publico-da-espanha-arquiva-processo-por-cantos-racistas-a-vinicius-jr-proferidos-durante-partida-de-maxima-rivalidade>. Acesso em 29 de agosto de 2023 às 13h13.

FARIAS, L. A.; NASSAR, P.; CARDOSO, I. A.; Opinião pública: Revoluções digitais na era da pós-verdade. In: FARIAS, L. A.; LEMOS, E.; REBECHI, C. N.; **Opinião pública, comunicação e organizações: Convergências e perspectivas contemporâneas.** 2020, ABRAPCORP.

FILHO, M.; **O negro no futebol brasileiro.** Rio de Janeiro, Editora Mauad X, 5ª Edição, 2010.

FOLHA DE SÃO PAULO. Boneco de Vinicius Júnior enforcado aparece em ponte de Madri. **Folha de São Paulo.** Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2023/01/boneco-de-vini-jr-enforcado-aparece-em-ponte-de-madri.shtml>>. Acesso em 2 de setembro de 2023 às 12h01.

FOOTBALL UNITES, RACISM DIVIDE. **About.** 2023A©. Disponível em <<https://furd.org/about>> acesso em 25 de agosto de 2023 às 20h50.

FOOTBALL UNITES, RACISM DIVIDE. **Viv Anderson.** 2023B ©. Disponível em <<https://furd.org/content/viv-anderson>>. Acesso em 25 de agosto de 2023 às 22h49.

FREEMAN, R. E. **Strategic Management: A Stakeholder Approach.** Boston: Pitman, 1984.

FREYRE, G. **Casa grande & senzala.** Pernambuco, Global Editora, 48ª edição, 2003.

Fundação Getúlio Vargas (FGV) [Rio de Janeiro - RJ]. Maio de 2022. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rae/a/w8Kq4s3ksDR5Y3z9gkBJGhk/#>>. Acesso em 20 de novembro de 2023 01h01.

Fundação Palmares. Discurso de Martin Luther King (28/08/1963). FUNDAÇÃO PALMARES, 2023. Disponível em <<https://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/discursodemartinlutherking.pdf>>. Acesso em 16 de novembro de 2023 às 11h19.

FUTBOLEIRO. VINICIUS JUNIOR DÁ RESPOSTA EM JORNALISTA ESPANHOL QUE MANDOU ELE PEDIR DESCULPAS AOS ESPANHÓIS. Youtube, 21 de maio de 2022. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=-cD-xy-JU7U&t=4s>>. Acesso em 4 de setembro de 2023 às 13h01.

G1. Puma e Santander, patrocinadores do Valencia e da LaLiga, manifestam apoio a Vinicius Júnior. **G1**, 2023. Disponível em <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2023/05/23/puma-e-santander-manifestaram-apoio-a-vinicius-junior-apos-sofrer-ataque-racista-no-ultimo-domingo.ghtml>>. Acesso em 2 de setembro de 2023 às 15h16.

GALLINA, C. R.; COSTA, D. B.; MASCHIO, M. S.; “Discurso de ódio na mídia: a cultura do medo e seus reflexos na sociedade”. **Universidade Federal de Santa Maria** [Santa Maria – Rio Grande do Sul]. Setembro de 2019. Disponível em <<https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/563/2019/09/1.3.pdf>>. Acesso em 30 de setembro de 2023 às 10h15.

GERMANO, F. **O futebol chegou ao Brasil de trem – e muito antes de Charles Miller**. Super Interessante, Editora Abril, 2018. Disponível em <<https://super.abril.com.br/historia/o-futebol-chegou-ao-brasil-de-trem-e-muito-antes-de-charles-miller/>>. Acesso em 13 de agosto de 2023 às 23h23.

GLOBO ESPORTE A. **Vinicius Júnior é alvo de racismo nas redes sociais, e Fla pede apuração do MP**. Globo Esporte, 2018. Disponível em <<https://ge.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/vinicius-junior-e-alvo-de-racismo-nas-redes-sociais-e-fla-promete-apoio-juridico.ghtml>>. Acesso em 29 de agosto de 2023 às 15h33.

GLOBO ESPORTE. **Origens do futebol: saiba como surgiu o esporte mais popular do mundo nos dias de hoje**. TV Globo, 2016. Disponível em <<https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo/video/origens-do-futebol-saiba-como-surgiu-o-esporte-mais-popular-do-mundo-nos-dias-de-hoje-4481043.ghtml>>. Acesso em 13 de agosto de 2023 às 19h04.

GLOBO ESPORTE. **Programa de TV espanhola se desculpa com Vinicius Junior, mas diz que não houve racismo**. Globo Esporte, 2022. Disponível em <<https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2022/09/18/programa-de-tv-espanhola-se-desculpa-com-vinicius-junior-mas-diz-que-nao-houve-racismo.ghtml>>. Acesso em 2 de setembro de 2023 às 11h50.

GLOBO ESPORTE. **Valencia x Real Madrid é interrompido por racismo contra Vinicius Junior**. Globo Esporte, 2023B. Disponível em < <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2023/05/21/valencia-x-real-madrid-e-interrompido-por-racismo-contravinius-junior.ghtml>>. Acesso em 2 de setembro de 2023 às 12h30.

GLOBO ESPORTE. **Veja todas as denúncias de racismo contra Vinicius Junior em LaLiga; nenhuma punição esportiva**. Globo Esporte, 2023. Disponível em <<https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2023/05/22/veja-todas-as-denuncias-de-racismo-contravinius-junior-em-laliga-nenhuma-punicao-esportiva.ghtml>>. Acesso em 29 de agosto de 2023A às 15h43.

GOAL. **40 anos atrás: Como foi ser o primeiro jogador negro a defender a seleção inglesa?** 2018. Disponível em <<https://www.goal.com/br/not%C3%ADcias/40-anos-atras-como-foi-ser-o-primeiro-jogador-negro-a-defender-a-15isiu3pq8ld1oruxxzj9swqe>>. Acesso em 25 de agosto de 2023 às 22h56.

GRUNIG, J. E.; FERRARI, M. A.; FRANÇA, F. **Relações Públicas: teoria, contexto e relacionamentos**. Difusão Editora, 2ª edição, 2011.

GUIMARÃES, M. L. S. **Livro de fontes de historiografia brasileira**. Rio de Janeiro, 2010, editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

HISTÓRIA LUSO-BRASILEIRA. **Mulato**. Disponível em <http://historialuso.an.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=6556:mulato&catid=2081&Itemid=121>. Acesso em 25 de agosto de 2023 às 22h56.

HONSBWAM, E. J. **Da revolução industrial inglesa ao imperialismo**. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 5ª edição, 2000.

Instituto Vini Jr. No Instituto Vini Jr., entendemos que assim como no futebol... 20 de novembro de 2023. **LINKEDIN**. Disponível em <https://www.linkedin.com/posts/institutovinijr_abasevemforte-activity-7132486399408156672-y8Ob/?utm_source=share&utm_medium=member_desktop>. Acesso em 24 de novembro de 2023 às 15h12.

IRIGARAY, H. A. R.; STOCKER, F.; MANCEBO, R. C.; “Gaslighting: a arte de enlouquecer grupos minoritários no ambiente de trabalho”. **RAE – Revista de Administração de Empresas**. Javier Tebas Medrano. 1.Nem Espanha, nem @LaLiga são racistas... 22 de maio de 2023. **TWITTER**. Disponível em <<https://twitter.com/Tebasjavier/status/1660598868772265985>>. Acesso em 2 de setembro de 2023 às 12h14.

KARNAL, L. **Todos contra todos: o ódio nosso de cada dia**. Rio de Janeiro, 1ª edição, 2017.

KUNSCH, M. M. K.; **Planejamento de Relações Públicas na Comunicação Integrada**. Summus Editorial, 6ª edição, São Paulo, 2016.

L’EQUIPE. Si je suis seul face au racisme, le système va m’écraser. **L’Equipe**, 2023. Disponível em <<https://www.lequipe.fr/France-Football/Article/Vinius-jr-real-madrid-si-je>>.

suis-seul-face-au-racisme-le-systeme-va-m-eccraser/1424709>. Acesso em 30 de outubro de 2023 às 21h23.

LA LIGA. La Liga EA Sports. **Rueda de pensa Valencia CF vs Real Madrid**. Youtube, 21 de maio de 2023. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=udwyXOGwe1c>>. Acesso em 4 de setembro de 2023 às 12h30.

LA LIGA. LaLiga calls for sanctioning powers to fight racism more effectively. **La Liga**, 2023. Disponível em <<https://www.laliga.com/en-GB/news/laliga-calls-for-sanctioning-powers-to-fight-racism-more-effectively>>. Acesso em 2 de setembro de 2023 às 15h00.

LIPPMANN, W. Estereótipos. In: **Opinião Pública**. São Paulo. Editora Vozes, 2ª edição, 2010.

LIVITSKY, S.; ZIBLATT, D.; **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2018.

LUDOPÉDIO. Com racismo não tem jogo. **Ludopédio**. Disponível em <<https://ludopedio.org.br/galeria/com-racismo-nao-tem-jogo/>>. Acesso em 2 de setembro de 2023 às 14h23.

MAGRI, D. **Liga das Canelas Pretas, o torneio antirracista nos primórdios do futebol gaúcho**. El País (Brasil), 2019. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/22/deportes/1574455123_874259.html>. Acesso em 28 de agosto de 2023 às 23h23.

MARCA. No es suficiente con no ser racistas, hay que ser antirracistas. **Marca (Espanha)**, 2023. Disponível em <<https://www.marca.com/multimedia/primeras/23/05/0523.html>>. Acesso em 2 de setembro de 2023 às 12h16.

MARCA. Capa. Jornal Marca (Espanha), Madrid, 27 de janeiro de 2023.

MARCA. Capa. Jornal Marca (Espanha), Madrid, 23 de maio de 2023.

MARTINS, A. **Jogador francês pode entrar na lista de mais jovens a ganhar a Copa do Mundo; veja ranking**. Exame, 2023. Disponível em <<https://exame.com/esporte/jogador-frances-pode-entrar-na-lista-de-mais-jovens-a-ganhar-a-copa-do-mundo-veja-ranking/>>. Acesso em 13 de dezembro de 2023 às 00h17.

MÁXIMO, J. **Rei de Copas: Pelé sai de cena como maior dos mundiais, o único com três títulos**. O Globo, 2022. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/esportes/noticia/2022/12/rei-de-copas-pele-sai-de-cena-como-o-maior-dos-mundiais-o-unico-com-tres-titulos.ghtml>>. Acesso em 31 de agosto de 2023 às 00h01.

MENEZES, I. **Pelé e sua importância para a luta antirracista**. Universidade Federal Fluminense, 2023. Disponível em: <<https://afide.uff.br/pele-e-sua-importancia-para-a-luta-antirracista/>>. Acesso em 31 de agosto de 2023 às 00h25.

MILLS, J.; **Charles Miller**: o pai do futebol brasileiro. Brasil: Panda Book, 2014.

MUNDO DEPORTIVO. Portada de Mundo Deportivo del martes 23 de mayo de 2023. **Mundo Deportivo (Espanha)**, 2023. Disponível em <<https://www.mundodeportivo.com/actualidad/20230522/1002010438/portada-mundo-deportivo-martes-23-mayo-2023.html>>. Acesso em 2 de setembro de 2023 às 12h18.

MUSEU DO FUTEBOL. **Barbosa, 100 anos: novas perspectivas no centenário de um grande goleiro.** Museu do futebol, 2022. Disponível em <<https://museudofutebol.org.br/narrativas/barbosa-100-anos-novas-perspectivas-no-centenario-de-um-grande-goleiro/>>. Acesso em 29 de agosto de 2023 às 23h31.

NARRATIVA. In: Dicionário Online de Português, dicionário online. 2023. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/narrativa/>>. Acesso em 30 de setembro de 2023 às 12h40.

NASCIMENTO, A. **O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado.** Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1ª edição, 2016.

NASSAR, P. Aberje 40 anos: uma história da Comunicação Organizacional brasileira. *Organicom*, [S. l.], v. 4, n. 7, p. 30-43, 2007. DOI: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2007.138940. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/138940>>. Acesso em 14 nov. 2023.

NASSAR, P. **Relações Públicas: a construção da responsabilidade histórica e o resgate da memória institucional das organizações.** São Caetano do Sul, Difusão Editora, 3ª edição, 2012.

NASSAR, P.; FARIAS, L. A.; OLIVEIRA, M. F.; Cenário histórico das relações públicas no Brasil. *Organicom*, [S. l.], v. 13, nº 24, p. 151-160, 2016. DOI: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2016.139324. Aceso em 23 de setembro de 2023 às 22h50.

O ESTADO DE SÃO PAULO. Capa. O Estado de São Paulo, 22 de maio de 2023.

O Globo. Capa. O GLOBO, Rio de Janeiro, 27 de janeiro de 2023.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. **Barbosa o injustiçado.** 2018B. Disponível em <<https://observatorioracialfutebol.com.br/barbosa-o-injusticado/>>. Acesso em 26 de agosto de 2023 às 14h17.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. **Os primeiros negros do futebol mundial.** 2018A. Disponível em <<https://observatorioracialfutebol.com.br/os-primeiros-negros-do-futebol/>>. Acesso em 26 de agosto de 2023 às 00h19.

OCHOA, J. I. G. **Así fue el día más complicado de Vinicius: de las amenazas al “Vini ama Madrid”.** Marca (Espanha), 2023. Disponível em <<https://www.marca.com/futbol/real-madrid/2023/01/27/63d3156946163fd3a28b4592.html>>. Acesso em 2 de setembro de 2023 às 12h12.

Onde a moeda cai em pé: A história do São Paulo Futebol Clube. Direção: Alexandre Boechat, André Plihal, Pedro Jorge. São Paulo: **ESPN Filmes**, 2018. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=NWgCA3LmQI8>>.

PAIVA, F. J. O.; “Você sabe o que é fake news? Nunca vi e nem li, mas só ouço falar...”. **Revista Humanidades e Inovação** [Fortaleza - Ceará]. 2020. Disponível em <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/1233>>.

PINHEIRO, R. **Torcedora do Flamengo e Vinicius Jr são alvos de comentários racistas na internet: “Dois macaco”**. Globo Esporte, 2018. Disponível em <<https://ge.globo.com/es/futebol/noticia/torcedora-do-flamengo-denuncia-racismo-apos-foto-com-vinicius-jr-dois-macaco.ghtml>>. Acesso em 29 de agosto de 2023 às 15h15.

PIRES, B. **Michael Jordan e Pelé evitaram o ativismo, mas foram enormes agentes políticos** El País (Brasil), 2020. Disponível em <<https://brasil.elpais.com/esportes/2020-10-23/michael-jordan-e-pele-evitaram-o-ativismo-mas-foram-enormes-agentes-politicos.html>>. Acesso em 23 de agosto de 2023 às 12h32.

POMARICO, E.; NASSAR, P. “Novas narrativas da comunicação organizacional: afetividade e respeito à diversidade através de micronarrativas”. **ASSIBERCOM** – Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação. XVI Congresso IBERCOM, **Universidade Católica de Lisboa** [Lisboa - Portugal]. Novembro de 2017. Disponível em <<https://eca.usp.br/acervo/producao-academica/002888602.pdf>>. Acesso em 30 de setembro de 2023 às 10h30.

PONTE PRETA. **Nossa história**. 2023©. Disponível em <<https://pontepreta.com.br/nossa-historia/>>. Acesso em 26 de agosto de 2023 às 00h51.

POST TRUTH. In: **Dicionário de Oxford**, dicionário online. 2021. Disponível em: <<https://www.lexico.com/definition/post-truth>>. Acesso em 29 de agosto de 2023 às 12h49.

POST TRUTH. In: **Dicionário de Oxford**, dicionário online. 2023. Disponível em: <<https://www.lexico.com/definition/post-truth>>. Acesso em 30 de setembro de 2023 às 12h12.

PRIMEIROS NEGROS. **Francisco Carregal, pioneirismo no futebol do Brasil**. 2023©. Disponível em <<https://primeirosnegros.com/francisco-carregal/>>. Acesso em 27 de agosto de 2023 às 18h52.

REIS, R.; **A história do atacante que foi cortado de seleção por ser negro**. 2023. Disponível em <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/colunas/rafael-reis/2023/05/24/a-historia-do-atacante-que-foi-cortado-de-selecao-por-ser-negro.htm>>. Acesso em 25 de agosto de 2023 às 22h.

RIBEIRO, E. **Vasco reproduz uniforme usado pelos Camisas Negras em 1923; fotos**. Globo Esporte, 2023. Disponível em <<https://ge.globo.com/futebol/times/vasco/noticia/2023/08/12/vasco-reproduz-uniforme-usado-pelos-camisas-negras-em-1923-fotos.ghtml>>. Acesso em 27 de agosto de 2023 às 22h24.

RIBEIRO, S. “A sociedade em Foco: globalização, questões políticas e desafios sociais”. **Universidade Nova de Lisboa**. Revista Comunicado, vol. 4, 2015. Disponível em <

<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/41405> >. Acesso em 30 de setembro de 2023 às 11h37.

RODRIGUES, F. **Datafolha revela o brasileiro**. Folha de São Paulo, 1995. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/6/25/caderno_especial/2.html>. Acesso em 28 de agosto de 2023 às 22h23.

SÁNAMO, J. **Al Real Madrid le valen dos guantazos para doblegar al Atlético**. El País (Espanha), 2023. Disponível em <<https://elpais.com/deportes/2022-09-18/al-real-madrid-le-valen-dos-guantazos-para-doblegar-al-atletico.html>>. Acesso em 2 de setembro de 2023 às 11h16.

SANTAELLA, L. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Editora Estação das Letras e Cores, São Paulo, 2019.

SANTOS FUTEBOL CLUBE. **Pelé**. 2023©. Disponível em <<https://www.santosfc.com.br/pele/>>. Acesso em 31 de agosto de 2023 às 01h40.

SEARLE, J. R. **Intencionalidade**. Editora Martins Fontes. São Paulo, 2002.

Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e Região. Santander confirma que não irá renovar patrocínio da LaLiga. **Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e Região**, 2023. Disponível em <<https://spbancarios.com.br/05/2023/santander-confirma-que-nao-ira-renovar-patrocinio-da-laliga>>. Acesso em 2 de setembro de 2023 às 13h13.

SIQUEIRA, F. **O começo de tudo: onde o “fominha” Vinicius Júnior deu seus primeiros chapéus**. Globo Esporte, 2017. Disponível em <<https://ge.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/o-comeco-de-tudo-onde-o-fominha-vinicius-junior-deu-seus-primeiros-chapeus.ghtml>>. Acesso em 29 de agosto de 2023 às 13h15.

STATISTICS & DATA. **Most Popular Sports in the World – (1930/2020)**. Statistics & Data, 2023. Disponível em <<https://statisticsanddata.org/most-popular-sports-in-the-world/>>. Acesso em 20 de agosto de 2023 às 20h28.

SUPER DEPORTIVO. Capa. Super Deportivo, 22 de maio de 2023.

TEES VALLEY MUSEUMS, Arthur Wharton. 2023. Disponível em <<https://teesvalleymuseums.org/blog/post/arthur-wharton/>>. Acesso em 24 de agosto de 2023 às 22h48.

Terra. Torcedores que penduraram boneco com camisa de Vini Jr. em ponte são proibidos de ir a estádio. **Terra**. Disponível em <<https://www.terra.com.br/esportes/futebol/internacional/equipes/atletico-de-madrid/torcedores-que-penduraram-boneco-com-camisa-de-vini-jr-em-ponte-sao-proibidos-de-ir-a-estadios,8c310ce7b726aab7d04759f9e6b3ba3162pfo8qo.html>>. Acesso em 2 de setembro de 2023 às 12h14.

TERRA. **Vasco completa 125 anos; conheça a história do clube**. 2023©. Disponível em <<https://www.terra.com.br/esportes/vasco/vasco-completa-125-anos-conheca-a-historia-do->

clube,68f016e280952a48e6b9f645ae42b394dxeg5cjs.html#:~:text=Esporte%20News%20Mundo-,Fundado%20em%201898%2C%20sob%20nome%20de%20Club%20de%20Regatas%20Vasco,de%20ingressar%20no%20clube%20carioca.>. Acesso em 27 de agosto de 2023 às 22h18.

THE GUARDIAN. **Viv Anderson: the phenomenal Black footballer who changed England forever.** 2023. Disponível em <<https://www.theguardian.com/society/2023/jul/25/viv-anderson-the-phenomenal-black-footballer-who-changed-england-for-ever>>. Acesso em 25 de agosto de 2023 às 22h44.

TREVISAN, M. **História do Futebol para quem tem pressa:** do apito inicial ao grito de campeão em 200 páginas! Editora Valentina, Rio de Janeiro, 2019.

UNIVERSIDADE DO FUTEBOL. **A origem do futebol na Era Moderna.** Universidade do Futebol, 2008. Disponível em <<https://universidadedofutebol.com.br/2008/06/23/a-origem-do-futebol-na-era-moderna/>>. Acesso em 14 de agosto de 2023 às 11h15.

VALENTE, R.; GOMES, M. **Discípulos de Barbosa falam de estigma sobre goleiro negro, racismo e também exaltam o velho camisa 1: ‘Abriu portas’.** ESPN, 2021. Disponível em <https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_id/8365688/discipulos-de-barbosa-falam-de-estigma-sobre-goleiro-negro-racismo-e-tambem-exaltam-o-velho-camisa-1-abriu-portas>. Acesso em 29 de agosto de 2023 às 23h23.

VASCO DA GAMA. **1924 – A resposta histórica.** 2023©. Disponível em <<https://vasco.com.br/conteudo/1924-a-resposta-historica/>>. Acesso em 27 de agosto de 2023 às 23h56.

Vini Jr. 🍷❤️!Obrigado pelo apoio! Eu não vou parar! 16 de setembro de 2022. TWITTER. Disponível em <<https://twitter.com/vinijr/status/1570893793028874240>>. Acesso em 2 de setembro de 2023 às 11h51.

Vini Jr. 7. 12 de junho de 2023A. **INSTAGRAM.** Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CtZ0HNdoAuk/>>. Acesso em 2 de setembro de 2023 às 12h05.

Vini Jr. Mais uma vez, em vez de criticar racistas, o presidente... 21 de maio de 2023. **TWITTER.** Disponível em <<https://twitter.com/vinijr/status/1660414706962636803>>. Acesso em 2 de setembro de 2023 às 12h15.

Vini Jr. Não foi a primeira vez, nem a segunda... 21 de maio de 2023. **TWITTER.** Disponível em <<https://twitter.com/vinijr/status/1660379570149683200>>. Acesso em 2 de setembro de 2023 às 12h12.

Vini Jr. No to racism 🍷. 18 de junho de 2023B. **INSTAGRAM.** Disponível em <https://www.instagram.com/p/CtojIXI5cE/?img_index=3>. Acesso em 2 de setembro de 2023 às 12h05.

VIOLA, K. **Pelé: Racismo e esquecimento marcam os 80 anos do jogador**. Revista Trip, 2020. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/trip/pele-racismo-e-esquecimento-marcam-os-80-anos-do-jogador>>. Acesso em 31 de agosto de 2023 às 00h13.

WESTIN, R. **Papéis históricos do Senado mostram luta de Pelé contra o racismo: “Negro vota em negro”**. Senado Federal, 2023. Disponível em <<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/papeis-historicos-do-senado-mostram-luta-de-pele-contra-o-racismo-negro-vota-em-negro>>. Acesso em 31 de agosto de 2023 às 01h48.

WILKSON, A. **Pelé foi alvo de racismo na carreira, mas ignorou luta antirracista**. UOL, 2014. Disponível em <<https://uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2014/09/25/pele-foi-alvo-de-racismo-na-carreira-mas-esteve-alheio-a-luta-antirracista.htm>>. Acesso em 23 de agosto de 2023 às 12h32.

WITTER, J. S.; “Futebol: um fenômeno universal do século XX”. **Revista USP** [Universidade de São Paulo – São Paulo]. Julho/agosto de 2003, nº 58, p. 161-168. Disponível em <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7365356/mod_resource/content/1/Futebol_um%20fenomeno%CC%82universal.pdf>. Acesso em 14 de agosto de 2023 às 14h10.

ZARKO, R. **Há 20 anos o Brasil perdia Barbosa. Filha que goleiro não teve preserva sua história no quintal de casa**. Globo Esporte, 2014. Disponível em <<https://ge.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/ha-20-anos-o-brasil-perdia-barbosa-filha-que-goleiro-nao-teve-preserva-sua-historia-no-quintal-de-casa.ghtml>>. Acesso em 29 de agosto de 2023 às 16h47.